

**TEORIA, PRÁTICA E O MÉTODO UTILIZADO:
O DESAFIO DA ALFABETIZAÇÃO**

ANDRÉA HENRIQUE FRANCO BERTAN

**TEORIA, PRÁTICA E O MÉTODO UTILIZADO:
O DESAFIO DA ALFABETIZAÇÃO**

ANDRÉA HENRIQUE FRANCO BERTAN

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação “Stricto Sensu” em Educação, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Educação - Área de Concentração: Práxis Pedagógica e Gestão de Ambientes Educacionais. Linha de Pesquisa: Contexto Escolar e Trabalho Docente.

Orientador:
Dr^a Lúcia Helena Tiosso Moretti

372.34
B536t

Bertan, Andréa Henrique Franco.

Teoria, prática e método utilizado: o desafio da alfabetização / Andréa Henrique Franco Bertan. – Presidente Prudente: [s.n.], 2006.

101 f.

Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do Oeste Paulista – UNOESTE, Presidente Prudente, SP, 2006.

Bibliografia

1. Alfabetização 2. Projeto Político Pedagógico. I. Título.

ANDRÉA HENRIQUE FRANCO BERTAN

**TEORIA, PRÁTICA E O MÉTODO UTILIZADO:
O DESAFIO DA ALFABETIZAÇÃO**

Dissertação apresentada a Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação, Universidade do Oeste Paulista, como parte dos requisitos obtenção do título de Mestre em Educação.

Presidente Prudente, 15 de março de 2007.

BANCA EXAMINADORA

Profª Drª Lucia Helena Tiosso Moretti
Universidade do Oeste Paulista - UNOESTE

Profª Drª Regina Célia Adamuz
Universidade Norte do Paraná - UNOPAR

Profª Drª Ivone Tambelli Schmidt
Universidade do Oeste Paulista - UNOESTE

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho ao meu pai, Nilson Vieira Franco (in memorian). Meu pai sempre me incentivou a buscar tudo o que fosse melhor para a minha formação. Muito antes da prova de seleção do mestrado, ele já estava rezando por mim. Uma semana antes da entrevista de seleção, ele nos deixou repentinamente. Só posso acreditar na intercessão dele junto a Deus para que eu chegasse até aqui.

Dedico este trabalho à minha mãe, Cirlei Henrique Franco, minha primeira e grande educadora, pilar da minha formação como pessoa e professora, que sempre esteve e está ao meu lado nos momentos mais difíceis e alegres da minha vida. Meus pais queridos são pessoas especiais que sempre estarão guardados no meu coração.

Dedico este trabalho ao meu esposo, Helder Canhadas Bertan, que sempre esteve ao meu lado no percurso deste trabalho dando suporte e incentivo nos momentos de sua realização. Pessoa especial que me ajudou a administrar todas as minhas angústias, estando sempre presente com suas valiosas contribuições.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiro a Deus, pois “tudo posso Naquele que me fortalece”.

Agradeço ao meu querido e especial esposo, Helder Canhadas Bertan, pelo companheirismo, paciência, dedicação e incentivo para a efetiva realização deste trabalho.

Agradeço à minha família, à minha mãe, minhas irmãs Fernanda e Vanessa, ao meu cunhado Cesar, à minha cunhada Larissa e aos meus sobrinhos Guilherme, Beatriz e Maria Fernanda, por todo apoio e compreensão durante todos os momentos em que me privei da companhia de cada um deles.

Agradeço ao professor Levino Bertan, meu querido sogro, pelas discussões, pelos materiais bibliográficos, enfim, por todo o carinho e apoio dispensado para a concretização deste trabalho.

Agradeço a minha orientadora, Lúcia Helena Tiosso Moretti, pela orientação durante todo este longo caminho que percorremos.

Agradeço às professoras e diretoras das escolas que contribuíram substancialmente para o desenvolvimento deste trabalho.

Agradeço aos professores e funcionários da UNOESTE que, de uma forma ou de outra contribuíram para a conclusão deste trabalho, em especial às professoras Ivone Schmidt, Zizi Tevisan e Regina Capelo Clivati.

Agradeço a todas as pessoas que direta e indiretamente colaboraram para que este trabalho pudesse ser realizado. Em especial gostaria de agradecer as professoras Edna Lemos e Gilmar Lupion Moreno, pelos inúmeros livros que ficaram tanto tempo à minha disposição.

Agradeço ao Colégio Pontual pelo apoio dado no período em que estive ausente da sala de aula no cumprimento dos créditos do mestrado.

EPIGRAFE

“Educar é formar pessoas verdadeiramente educadas e felizes. Isso significa formar pessoas com muita ética, princípios e projeto de vida. Sem isso não é possível ser humano e ser feliz”.

Frei Betto

SUMÁRIO

RESUMO	14
ABSTRACT	15
INTRODUÇÃO	16
FORMULAÇÃO DO PROBLEMA	19
HIPÓTESES	19
OBJETIVOS	20
<i>Objetivo Geral</i>	20
<i>Objetivo Específico</i>	20
1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	21
1.1 ALFABETIZAÇÃO	21
1.2 MÉTODOS DE ENSINO	23
1.2.1 <i>Escola Tradicional</i>	23
1.2.2 <i>Construtivismo</i>	26
1.2.3 <i>GEEMPA</i>	29
1.3 PROJETOS POLÍTICOS PEDAGÓGICOS	30
1.3.1 <i>O Projeto Político Pedagógico da Escola Municipal</i>	33
1.3.2 <i>O Projeto Político Pedagógico da Escola Particular</i>	36
2 METODOLOGIA	42
2.1 AMOSTRA	42
2.2 LOCAL	42
2.2.1 <i>Caracterização das Instituições</i>	43
2.3 PROCEDIMENTOS DE COLETA E ANÁLISE DOS DADOS	44

3	RESULTADOS E DISCUSSÕES	47
3.1	ANÁLISE DOS PROJETOS POLÍTICOS PEDAGÓGICOS (PPP)	47
3.1.1	<i>Escola Particular</i>	47
3.1.2	<i>Escola Pública Municipal</i>	48
3.2	OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE EM SALA DE AULA	48
3.2.1	<i>Observação em sala de aula na Escola Municipal</i>	49
3.2.2	<i>Observação em sala de aula na Escola Particular</i>	51
3.3	ATIVIDADE DE VERIFICAÇÃO DE NÍVEL DE ESCRITA	52
3.4	ENTREVISTAS COM AS PROFESSORAS	59
3.4.1	<i>Entrevistas com professoras da Escola Pública Municipal</i>	63
3.4.2	<i>Entrevista com professora da Escola Particular</i>	69
3.4.3	<i>Análise das Entrevistas com as Professoras</i>	70
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS	74
4.1	CORRELAÇÃO ENTRE TEORIA E PRÁTICA	74
4.2	O PROBLEMA ENUNCIADO: O MÉTODO DE ALFABETIZAÇÃO DAS INSTITUIÇÕES DE ENSINO FUNDAMENTAL POSSIBILITA UM PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO?	75
4.3	CONSIDERAÇÕES SOBRE AS HIPÓTESES DO TRABALHO	75
4.3.1	<i>O PPP atende às necessidades da escola, do professor e do aluno</i>	75
4.3.2	<i>O professor conhece o PPP de sua escola</i>	76
4.3.3	<i>O método de alfabetização é compatível com os pressupostos teóricos do Projeto Político Pedagógico</i>	76
4.3.4	<i>Considerações sobre os objetivos da pesquisa</i>	77
4.3.5	<i>Outras Considerações</i>	77
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	79

APÊNDICES	84
APÊNDICE A – CARTA DE SOLICITAÇÃO À DIREÇÃO DAS ESCOLAS	85
APÊNDICE B – CARTA DE SOLICITAÇÃO ÀS PROFESSORAS DAS ESCOLAS.....	86
APÊNDICE C – ROTEIRO DE ENTREVISTA COM AS PROFESSORAS.....	87
APÊNDICE D – ATIVIDADE EM SALA DE AULA DO PRIMEIRO SEMESTRE.....	88
APÊNDICE E – ATIVIDADE EM SALA DE AULA DO SEGUNDO SEMESTRE.....	89
ANEXOS	90
ANEXO A – TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS COM AS PROFESSORAS DA ESCOLA MUNICIPAL.....	91
<i>Escola Municipal – Professora 1</i>	91
<i>Escola Municipal – Professora 2</i>	94
<i>Escola Municipal – Professora 3</i>	96
<i>Escola Municipal – Professora 4</i>	98
ANEXO B – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA COM A PROFESSORA DA ESCOLA PARTICULAR.....	100
<i>Escola Particular – Professora 5</i>	100

LISTA DE ABREVIATURAS

GEEMPA – Grupo de Estudo de Ensino, Metodologia Pesquisa e Ação

PPP – Projeto Político Pedagógico

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Atividade realizada por aluno da escola municipal no 1º semestre.....	53
Figura 2 – Atividade realizada por aluno da escola municipal no 1º semestre.....	53
Figura 3 – Atividade realizada por aluno da escola municipal no 1º semestre.....	54
Figura 4 – Atividade realizada por aluno da escola municipal no 2º semestre.....	54
Figura 5 – Atividade realizada por aluno da escola municipal no 2º semestre.....	55
Figura 6 – Atividade realizada por aluno da escola municipal no 2º semestre.....	55
Figura 7 – Atividade realizada por aluno da escola particular no 1º semestre.....	56
Figura 8 – Atividade realizada por aluno da escola particular no 1º semestre.....	56
Figura 9 – Atividade realizada por aluno da escola particular no 1º semestre.....	57
Figura 11 – Atividade realizada por aluno da escola particular no 2º semestre.....	57
Figura 12 – Atividade realizada por aluno da escola particular no 2º semestre.....	58
Figura 13 – Atividade realizada por aluno da escola particular no 2º semestre.....	58

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Comparação dos Teóricos do Construtivismo.....	28
Tabela 2 – Caracterização Geral dos professores entrevistados.....	60
Tabela 3 – Resumo das Entrevistas com os Professores	62

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Proporção das professoras entrevistadas.....	61
Gráfico 2 - Percentual de professores que atuaram na elaboração do PPP da escola	71

BERTAN, Andréa Henrique Franco. **Teoria, Prática e o Método Utilizado: O Desafio da Alfabetização**. Presidente Prudente: UNOESTE, 2005. Dissertação (Mestrado em Educação).

Orientador: Prof^a. Dr^a. Lúcia Helena Tiosso Moretti

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo analisar a alfabetização juntamente com os Projetos Políticos Pedagógicos (PPP) de duas escolas de uma cidade da região norte do Paraná. Preocupou-se em investigar os problemas que envolvem a alfabetização: suas teorias, metodologias e aplicabilidade do PPP. A metodologia empregada no desenvolvimento deste trabalho foi através do estudo das teorias de ensino, a observação participante em sala de aula, entrevistas com professores e análise dos resultados. A pesquisa envolveu duas instituições, uma pública e outra particular, de forma a se fazer um comparativo entre as metodologias e teorias aplicadas na prática da alfabetização e a análise do PPP de cada escola. Houve um primeiro contato com a direção das escolas para a apresentação da pesquisa e para solicitar a autorização para o seu desenvolvimento. Foram convidadas também algumas professoras para participar da pesquisa, que se dispuseram para a realização das entrevistas e permitiram a observação em sala de aula. A amostra foi composta por quatro professoras da escola municipal e uma professora da escola particular, todas atuando na 1^a série do ensino fundamental. Para a realização da pesquisa, as entrevistas foram feitas de maneira individual com questões abertas para que as professoras falassem à vontade, sem interrupções por parte do entrevistador. As observações em sala de aula foram feitas duas vezes por semana, onde as metodologias aplicadas nas aulas e as relações com o PPP das escolas foram observadas. As observações registradas revelaram as coerências e incoerências da prática de ensino da alfabetização, o quanto estas práticas estão ou não alinhadas à proposta pedagógica do PPP de cada escola.

BERTAN, Andréa Henrique Franco. **Theory, Practical and the Used Method: The Challenge of the Alphabetization**. Presidente Prudente: UNOESTE, 2005. Dissertação (MSc. Dissertation).

Adviser: Prof^a. Dr^a. Lúcia Helena Tiosso Moretti

ABSTRACT

The objective of this paper was to analyze the literacy along the Pedagogical Political Projects (PPP) of two schools of a city of north Parana State. The focus was on investigating the problems that involve the literacy process: theories, methodologies and the applications of the PPP. The methodology used to develop this study was through field research. It involved a public and a private school, so that could be compared the methodologies and the theories applied in the literacy practice and the analysis of PPP from each school. This research had been introduced and authorized by the school board of both schools. Some teachers were invited to participate in the project, they were interviewed and had their class observed. The sample was compounded by four teachers from the public school and one from the private one, all of them teaching in the first grade of Fundamental level. The interviews were individual with open questions, so the teachers could feel free to answer without any interruptions by the interviewer. The observations were made twice a week through the analysis of the methodologies used in class and the relation with the PPP of each school. They revealed the coherences and incoherences of the work in literacy teaching, and how much these practices are or not lined with the pedagogical propose of the PPP from each school.

INTRODUÇÃO

Há 17 anos venho atuando como professora da pré-escola e das séries iniciais do ensino fundamental. Tenho formação em magistério, pedagogia e especialização em psicopedagogia e, como professora, sempre me interessei pelos problemas que envolvem a alfabetização em sala de aula, um dos grandes temas discutidos na área da educação.

Atuando como docente, as questões do processo de ensino-aprendizagem, como conteúdos, metodologias, procedimentos de ensino e avaliação, despertam em mim o desejo de aprimorar minha formação didático-pedagógica para melhor compreender a complexidade do ato de ensinar e aprender. Por isso, desenvolver um trabalho que envolve a prática de ensino em sala de aula, com a teoria proposta pelos métodos de ensino e adotados pela escola, é um grande desafio e motivo para o crescimento da minha formação profissional como educadora.

A educação ajuda a despertar em cada homem ou mulher a consciência de sua própria dignidade e, também, a sua capacidade de assumir responsabilidade e de cada um fazer sua parte, considerando que cada um é construtor de si mesmo, para possibilitar vida de qualidade.

Um grande desafio da educação hoje é o de exercer o seu papel de instrumento de promoção humana numa sociedade de exclusão, onde um grande número de pessoas são simplesmente consideradas dispensáveis. O acesso ao conhecimento, à verdade, ao bem, à valorização da pessoa humana, podem determinar significativamente a manutenção ou a transformação desta realidade.

A alfabetização nas séries iniciais é um tema de discussão constante, muito recorrente em trabalhos de pesquisa na área da educação, dada a suma importância que este tema abrange e também devido aos inúmeros métodos de ensino que são aplicados em sala de aula.

É fácil observar que uma grande parcela de professores que atuam na alfabetização, nas séries iniciais do ensino fundamental, não praticam o método

segundo seus fundamentos teóricos. É o construtivismo de Piaget? De Vygotsky? É o método tradicional? É um método misto (ecclético)?

São questionamentos que devem ser levantados, porque os resultados terão conseqüências na formação dos alunos. Será que os professores sofrem os efeitos da falta de aprofundamento nos fundamentos epistemológicos?

Considerando estas indagações, o objetivo deste trabalho é explicitar as coerências e as incoerências metodológicas no processo de alfabetização em sala de aula, observadas em duas escolas, uma particular e outra pública municipal. Um dos focos desta pesquisa é a investigação do Projeto Político Pedagógico (PPP) definido pelas escolas, documento mestre que direciona a prática de ensino da escola, citando métodos, teorias e filosofias de ensino que a escola se propõe adotar.

O percurso desta pesquisa foi construído por uma metodologia de pesquisa de campo, delineada em direção ao estudo qualitativo, envolvendo a observação e a análise comparativa da aplicação de metodologias de alfabetização nas duas instituições de ensino, a particular e a pública municipal. A metodologia da pesquisa envolveu o estudo dos PPP das escolas, a fundamentação teórica nos métodos e teorias de ensino, como também entrevistas com professores e a observação participante em sala de aula. Foram observadas duas salas de aula, uma de cada escola da 1ª série do ensino fundamental. As entrevistas foram realizadas com as professoras do ensino fundamental das duas escolas, com questões abertas e específicas sobre o tema de pesquisa.

As ações pedagógicas também recebem influências culturais, que configuram um conjunto de valores. A cultura é fruto de todas as influências de fora, oriundas da família, do contexto social, que acabam sendo repassadas às práticas pedagógicas. Por isso que, para Charlot (1983), a cultura veicula uma ideologia dominante e a escola acaba servindo a esses interesses, que são produzidos na prática pedagógica.

A educação, em qualquer fase da vida do indivíduo, precisa considerar a transformação do educando, ou seja, o desenvolvimento do aluno como ser humano. A construção do conhecimento implica que o ensino terá que lidar também

com valores que envolvem a pessoa humana. A cultura exerce um papel fundamental no desenvolvimento do ser humano e, como consequência, na alfabetização. A educação é parte integrante da cultura e tem suas raízes na própria cultura.

Fatores culturais contribuem decisivamente na educação. Morais (1992, p. 8) afirma que “o conceito de cultura é o resultado das ações do homem com o mundo e com os seus semelhantes”. Sacristan (1998, p. 60) atesta que a cultura pode ser concebida como “o conceito junto de representações individuais, grupais e coletivas de uma comunidade”.

A educação não pode ignorar as fortes mudanças culturais da atualidade. Quando prevalece muito uma cultura universal, sem espaço definido, uma cultura de massa, cria-se, aos poucos, uma cultura da superficialidade e do efêmero, e essa cultura do cotidiano também se estabelece na prática pedagógica. Surgem os modismos e estes acabam de uma forma ou de outra influenciando nos discursos e nas práticas pedagógicas em sala de aula.

Com o conceito de cultura formulado, foi possível observar o impacto cultural que cada escola apresenta. As questões culturais de cada escola influenciam na prática de ensino e isto contribui na forma como os professores desempenham seu papel em sala de aula.

Diante de muitas alternativas, muitas vezes os educadores se encontram perplexos e, porque não, confusos, por não saberem qual modelo seguir. As dificuldades aparecem quando há falta de conhecimento claro dos princípios norteadores dos sistemas educacionais, quando há defasagem entre a teoria e a prática ou quando predomina um ecletismo acentuado por falta de fundamentos epistemológicos. A situação se agrava, conforme aponta Severino (2000), quando o ensino brasileiro se restringe mais à reprodução dos conteúdos do que à construção do conhecimento.

Delineadas algumas temáticas que subsidiaram o presente estudo, a seguir é apresentado como a pesquisa foi estruturada.

O Capítulo 1 traz a fundamentação teórica dos temas abordados no trabalho. Estão abordados conceitos como alfabetização, métodos de ensino, com

ênfase na escola tradicional, no construtivismo e nas práticas adotadas pelo GEEMPA (Grupo de Estudos de Educação, Metodologia, Pesquisa e Ação). Também há a abordagem dos Projetos Políticos Pedagógicos de cada escola trabalhada nesta pesquisa, a escola pública municipal e a escola particular. Finalmente, estão apresentadas as hipóteses e os objetivos levantados para o presente trabalho.

O Capítulo 2 apresenta a metodologia de pesquisa adotada no trabalho, com a composição da amostra da pesquisa e com informações detalhadas das escolas estudadas.

O Capítulo 3 traz os resultados da pesquisa, com análise dos Projetos Políticos Pedagógicos das escolas e com a síntese das entrevistas com as professoras.

O Capítulo 4 apresenta as considerações finais da pesquisa.

Os Apêndices trazem a cópia das solicitações encaminhadas para as diretoras de cada escola, pedindo a autorização para o desenvolvimento da pesquisa. Também trazem a cópia das solicitações para as professoras entrevistadas e observadas em sala de aula e, por fim, a transcrição na íntegra das entrevistas com as professoras. O trabalho se encerra com as referências bibliográficas utilizadas durante esta pesquisa.

Para dar subsídios ao desenvolvimento desta pesquisa, procurou-se a formulação prévia do problema, das hipóteses e dos objetivos estabelecidos que pretendia alcançar.

Formulação do Problema

O método de alfabetização das instituições de ensino fundamental possibilita um processo de construção do conhecimento?

Hipóteses

- 1) O PPP atende as necessidades da escola, do professor e do aluno.

- 2) O professor conhece o PPP de sua escola.
- 3) O método de alfabetização é compatível com os pressupostos teóricos do PPP.

Objetivos

Objetivo Geral

Investigar a prática em sala de aula, de professores da 1ª série do ensino fundamental, e as teorias e métodos de ensino descritos no PPP de cada escola.

Objetivo Específico

- 1) Conhecer o PPP de cada escola analisada;
- 2) Aprofundar-se nos métodos de ensino para alfabetização;
- 3) Confrontar o que é dado em sala de aula com o que é proposto no PPP de cada escola.

1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A fundamentação teórica desta pesquisa envolveu temas importantes da educação. O primeiro objeto de fundamentação teórica foi sobre a alfabetização, seu significado e os fatores que envolvem a alfabetização. Também foi necessário aprofundar-se no significado do Projeto Político Pedagógico (PPP) de cada escola, seu papel no direcionamento dos professores em sala de aula e sua função na estrutura da escola. Os métodos de ensino, as principais escolas teóricas e seus fundamentos, principalmente as correntes de ensino citadas pelos PPPs das escolas e por seus professores, também foram objetos de fundamentação teórica para este trabalho.

1.1 Alfabetização

A alfabetização é um dos temas mais discutidos na área da educação. Há diversos conceitos sobre a alfabetização, o mais simples define a alfabetização como o processo pelo qual um indivíduo constrói a habilidade da leitura e escrita de uma determinada língua.

Moll (1996, p. 68) destaca a definição do conteúdo etimológico do processo de alfabetização. Nesta definição a alfabetização se reduz a uma esfera mecânica, na qual “alfabetizar-se” está vinculado a habilidades de codificação (representação escrita de fonemas em grafemas) e de decodificação (representação oral de grafemas em fonemas).

Para Soares (*apud* Carvalho, 2005, p. 9) alfabetizar é ensinar crianças e adultos a ler, a conhecer os sons que as letras representam e, ao mesmo tempo, com a mesma ênfase, convidá-los a se tornarem leitores, a participarem da aventura do conhecimento implícita no ato de ler. A autora coloca que uma pessoa alfabetizada conhece o código alfabético, domina as relações grafofônicas, ou seja, sabe os sons que as letras representam, é capaz de ler palavras e textos.

Carvalho (2005, p. 65) coloca que alfabetização é a ação de ensinar (ou o resultado de aprender) o código alfabético, ou seja, as relações entre letras e sons. Carvalho também comenta que existem definições mais amplas de alfabetização que incluem as habilidades de interpretação de leitura e produção de escrita, e até de conhecimento do mundo, mas, destaca o caráter específico da alfabetização, considerando um processo limitado no tempo, no conteúdo e nos objetivos.

A alfabetização não se restringe somente a um aprendizado mecânico da leitura e escrita. A alfabetização é um processo que se dá ao longo da vida de cada indivíduo, é considerado como os indivíduos utilizam a informação escrita para desempenhar suas funções na sociedade, para atingir os próprios objetivos, assim como desenvolver seus conhecimentos e potencial.

Na Constituição da República Federativa do Brasil de 1998, a alfabetização é um direito de todos, independente da idade em que se tem acesso a este direito. O indivíduo passa a ter conhecimentos básicos de tal forma que ele passa a exercer seu papel de cidadão na sociedade. A alfabetização é também uma questão de cidadania.

Abud conceitua a alfabetização da seguinte forma.

Como um fator de mudança de comportamento diante do universo, que possibilita ao homem integrar-se à sociedade de forma crítica e dinâmica, constitui uma das formas de promover o homem, tanto do ponto de vista social, como individual. (ABUD, *apud* MOLL, 1996, p. 69)

Segundo Barreto (2004, p. 81), para Freire a alfabetização não é entendida como uma memorização de ba-be-bi-bo-bu e nem como uma transferência de conhecimento da escrita do alfabetizador para o alfabetizando. A alfabetização é um processo de busca e tentativas de revolução, portanto, nunca uma recepção passiva, como o ato de conhecimento que tem como objeto a ser conhecido a língua escrita.

A alfabetização é um tema muito dinâmico, seus conceitos evoluem constantemente. O pilar fundamental da alfabetização consiste na formação de um indivíduo capaz de exercer seu papel de cidadão, capaz de compreender o mundo ao seu redor e influenciar a sua realidade através do ato de ler e de escrever.

1.2 Métodos de Ensino

Segundo Rangel (2005, p. 9), a origem da palavra método justifica-se pela existência de um caminho, de um meio, para se chegar a um ou vários objetivos. A metodologia didática refere-se ao conjunto de métodos e técnicas de ensino para a aprendizagem. O método é então o caminho com que o professor, de modo direto e significativo, conduz o aluno à aprendizagem.

São vários os métodos e técnicas de ensino em sala de aula que as escolas e professores adotam para realizar o processo de alfabetização de seus alunos. Inclusive, algumas escolas e professores não se fixam apenas a uma ou outra teoria de ensino, partindo também para uma mistura de teorias e métodos de ensino, criando assim um ecletismo para alfabetização dos alunos.

O PPP da escola define os métodos e as práticas de ensino que o professor deve exercer em sala de aula. Com base na análise do PPP de cada escola, buscou-se a fundamentação teórica de cada método, prática e filosofia de ensino citada pelos PPP das escolas.

A fundamentação teórica baseou-se desde a Escola Tradicional, da Teoria Construtivista de Piaget e Vygostky, envolvendo também as práticas pedagógicas adotada pelo grupo de estudo GEEMPA (Grupo de Estudos de Educação, Metodologia, Pesquisa e Ação) de Porto Alegre, Rio Grande do Sul.

1.2.1 Escola Tradicional

O ensino tradicional dá um lugar importante à transmissão do saber pelo professor e pelo livro, mas nem por isso reduz o aluno a uma função passiva de registro. (DEBESSE, *apud* CARVALHO, 1974).

É muito difícil delimitar um conceito de escola tradicional, pois sob essa denominação articulam-se as mais diversas tendências no decorrer de pelo menos quatro ou cinco séculos, desde o século VI até o século XX, período em que a escola tradicional sofreu inúmeras transformações.

Quanto à relação entre professor e aluno, a educação tradicional é magistrocêntrica, isto é, centrada no professor e na transmissão dos conhecimentos.

O mestre detém o saber e autoridade, dirige o processo de aprendizagem e se apresenta, ainda, como um modelo a ser seguido.

Essa relação vertical e hierárquica tem como consequência, nos casos extremos, a passividade do aluno, reduzido a simples receptor da tradição cultural. O conteúdo visa à aquisição de noções, dando ênfase ao esforço intelectual de assimilação dos conhecimentos. Quanto à metodologia, é valorizada a aula expositiva, centrada no professor, não havendo qualquer preocupação com as diferenças individuais.

Todas essas características dão ênfase à assimilação por parte do aluno. O conhecimento que é externo ao aluno deve ser adquirido por meio de transmissão, sem a exigência de maiores elaborações pessoais.

A avaliação valoriza os aspectos cognitivos (de aquisição de conhecimentos transmitidos), enfatizando a memória e a capacidade de restaurar o que foi assimilado. O ambiente escolar passa a ter um papel de hierarquia e de vigilância. A disciplina e a ordem são garantidas mais de forma autoritária.

Durante os séculos XVI e XVII, os colégios estavam organizados sobretudo pelas ordens religiosas, interessadas também no processo de evangelização. Destaca-se a ação dos jesuítas.

Rigorosos na disciplina, os jesuítas desenvolveram cuidadosamente a prática pedagógica para orientar a atuação dos professores. Privilegiaram a tradição clássica, permanecendo fiéis ao pensamento filosófico de Aristóteles e de Santo Tomás de Aquino. Alheios à disputa entre racionalistas e empiristas, recusavam-se a tratar das descobertas científicas de Galileu (“A Terra é redonda”) e Kepler (o Sol é o centro do Sistema Solar e não a Terra). As linhas rígidas da chamada escola tradicional criam um universo exclusivamente pedagógico, separado da vida e preservado do mundo.

No século XVII, Comênio (1592-1670), autor de *Didática Magna*, é um típico representante da escola tradicional na sua busca pela ordem, que se revela no cuidado com o método que estipula os passos da aprendizagem. Com isso, valoriza o papel do professor como controlador do processo. Comênio defende a escola

única, universal e a cargo do Estado, e afirma que o ponto de partida da aprendizagem deve ser sempre o conhecido.

Locke (1979), outro representante das idéias da escola tradicional, desenvolve uma nova concepção da mente infantil e, conseqüentemente, de educação, enfatizando o papel do mestre em proporcionar experiências fecundas que auxiliem a criança a fazer uso correto da razão. Como bom representante dos interesses burgueses, considera importante o estudo de contabilidade e de escrituração comercial, visando preparação mais ampla para a vida prática. Sua pedagogia recusa a retórica e os excessos da lógica, propondo o estudo de história, geografia, geometria e ciências naturais.

Suchodolski (*apud* BERTAN, 1994, p. 52) dividiu as tendências pedagógicas surgidas da antiguidade até nossos dias em duas grandes correntes: a pedagogia da essência e a pedagogia da existência. A da essência, identificada com a tradicional, tem sua origem em Platão e foi desenvolvida pelo cristianismo. Platão distingue, no homem, o que pertence ao mundo das sombras (o corpo, os sentidos, etc) e o que pertence ao mundo das idéias (o espírito, na sua forma pensante.). Para Suchodolski, a pedagogia da essência procura investigar:

[...] tudo o que é empírico no homem e em torno do homem e a conceber a educação como medidas para desenvolverem no homem tudo o que implica a sua participação na realidade ideal, tudo o que define a sua essência verdadeira. (SUCHODOLSKI, p. 19)

Para Saviani (1984, p. 10), na escola tradicional, o essencial era contar com um professor razoavelmente bem preparado. Assim, as escolas eram organizadas na forma de classes, cada uma contando com um professor que expunha as lições que os alunos seguiam atentamente e aplicava os exercícios que os alunos deveriam realizar disciplinadamente. Saviani também afirma que a pedagogia tradicional:

[...] está marcada pela visão essencialista de homem. O homem é constituído por uma essência imutável, cabendo à educação conformar-se à essência humana. (SAVIANI, 1984)

Sobriño (1986) ressalta que na escola tradicional quem determina o tipo de conhecimento, os conteúdos e as atividades em sala de aula, é o professor. “Os professores estão numa posição hegemônica, enquanto que os alunos se

encontram numa posição de subordinados”, assimilando e consumindo os conhecimentos e os valores que lhes são impostos. De um lado, está o professor, o conhecedor, o experiente; do outro, o aluno, o jovem, o submisso, numa posição de desenvolvimento e crescimento. Para Filho (*apud* BERTAN, 1994, p. 54), do ponto de vista didático, na pedagogia tradicional “o trabalho dos alunos se caracterizava por uma atitude de receptividade ou absoluta passividade”.

Os professores, nas palavras de Dewey (1979), “são os agentes de comunicação do conhecimento e das habilitações e de imposição das normas de conduta”. A educação tradicional, segundo o autor em foco, é “imposição de cima para baixo e de fora para dentro”, imposição de padrões.

A Escola Tradicional traz uma proposta de educação centrada na figura do professor. O princípio é a transmissão de conhecimentos por meio da aula, freqüentemente expositiva, numa seqüência predeterminada e fixa que enfatiza a repetição de exercícios com exigência de memorização. Muitas vezes não leva em conta o que a criança aprende fora da escola.

1.2.2 Construtivismo

O Construtivismo constitui-se numa posição epistemológica que se refere a como se processa o conhecimento, estabelecendo que o sujeito é quem constrói o conhecimento. Sua tarefa é explicar como ocorre o conhecimento no interior do sujeito. Para o construtivismo, a produção do conhecimento compreende uma posição interacionista em que o conhecimento é o resultado da ação do sujeito sobre a realidade.

O Construtivismo enfatiza o conhecimento que a criança já tem antes de ingressar na escola e está focado na língua escrita. Existem distorções na aplicação do conceito, sendo que uma delas é a de que não se deve corrigir os erros dos alunos. O Construtivismo é a linha atualmente seguida pelas escolas públicas brasileiras, aconselhado pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs).

As bases do construtivismo estão pautadas nas teorias de Piaget (1896-1980) e Vygotsky (1896-1934). Ambos viveram na mesma época, mas não

tiveram a oportunidade de se encontrarem. Piaget era suíço, Vygotsky era russo, viveu na União Soviética, no início do período comunista e morreu de tuberculose com apenas 37 anos. A ele deve-se a valorização da linguagem na estruturação do pensamento, pois ao mesmo tempo apontava para o social, elemento incentivador e necessário na produção da expressão para comunicar-se.

Segundo Becker (1996), o construtivismo é uma teoria que “nos permite interpretar o mundo em que vivemos”, e que, para Piaget, é o mundo do conhecimento: sua gênese e seu desenvolvimento, pois aprendizagem só tem sentido na medida em que coincide com o processo de desenvolvimento do conhecimento, com o movimento das estruturas da consciência.

O tema é bastante complexo, principalmente tratando-se de Piaget e Vygotsky, que têm enfoques diferenciados. Delval (1998, p. 32-35), estabelece um estudo comparativo entre os dois educadores, apresentando as divergências deles sob o ponto de vista epistemológico.

Segundo Delval, para Piaget, a principal preocupação é com os fatores internos que ocorrem no sujeito, colocando as condições externas como secundárias. Ele mostra como o processo mental se constrói por intermédio de um equilíbrio estrutural sempre recolocando em questão que a inteligência molda e assimila o mundo que, por sua vez, pela resistência que opõe, desencadeia um processo de acomodação, preparando desse modo um novo trabalho de assimilação. A teoria de Piaget é uma teoria dos fatores que aceleram o próprio desenvolvimento.

Para Vygotsky o papel social da escola se refere à relação indivíduo e sociedade. As características tipicamente humanas resultam da interação do homem e seu meio sócio-cultural. As funções psicológicas se originam das relações do indivíduo e seu contexto cultural e social. O sujeito é moldado pelo social. O cérebro é visto como órgão principal da atividade mental.

Piaget define a criança como um ser ativo que age espontaneamente sobre o meio, de modo a organizar suas experiências. A criança vai construindo seu conhecimento através do contato com as pessoas e com os objetos. Piaget define estágios seqüenciais de desenvolvimento cognitivo, pelos quais a criança vai

desenvolvendo sua maturação. Enquanto Vygotsky afirma que há uma contínua interação entre as estruturas orgânicas da criança e as condições sociais em que ela vive. Pelo contato com membros do seu grupo social, mais experientes, a criança vai, por meio da linguagem, apropriando-se ativamente do conhecimento disponível na sociedade em que nasceu.

Davis e Oliveira (1990) resumem os principais pontos de comparação entre o Construtivismo de Piaget e de Vygotsky.

PIAGET	VYGOTSKY
Enfatiza a maturação biológica	Enfatiza o ambiente social
O desenvolvimento segue uma seqüência física e universal de estágios	Não aceita idéias de funções mentais fixas e seqüência universal de estágios
A construção do conhecimento vai do individual para o social	A construção do conhecimento vai do social para o individual
Aprendizagem subordina-se ao desenvolvimento – minimiza o papel da interação social	A aprendizagem e o desenvolvimento são processos que se influenciam reciprocamente
Pensamento aparece antes da linguagem – formação do pensamento depende basicamente da coordenação de esquemas sensores-motores e não de linguagem	Pensamento e linguagem são processos interdependentes desde o início da vida. A linguagem modifica as funções mentais superiores, dá forma definida ao pensamento

Tabela 1 - Comparação dos Teóricos do Construtivismo

Macedo (1993, p. 25) declara que o construtivismo possui a característica de valorizar as ações enquanto operações do sujeito que conhece, pois o que interessa são as ações desse sujeito, ações estas que são organizadas em esquemas de assimilação e que possibilitam classificar, estabelecer relações, pois é isso que dará significado ao que o sujeito escreve, lê e interpreta.

Matuí (1995, p. 48) declara que o construtivismo é uma mudança de visão, e que não considera o conhecimento só pelo prisma do sujeito nem só pelo prisma do objeto, mas pela óptica da interação sujeito-objeto.

Arce (2000, p. 41) afirma que o construtivismo no Brasil vem sendo considerado por boa parte dos educadores um grande avanço como concepção sobre o processo educativo. Segundo a autora, o construtivismo deveria ser empregado na própria formação de professores. Arce ainda esclarece que para que alguém se torne um bom professor construtivista, seria necessário que sua formação também ocorresse através de um processo construtivista. Isso permitiria aos

professores desenvolverem uma prática profissional coerente com os pressupostos dessa corrente.

1.2.3 GEEMPA

O GEEMPA (Grupo de Estudos de Educação, Metodologia, Pesquisa e Ação) é uma organização privada, com sede na cidade de Porto Alegre, Rio Grande do Sul, que tem como objetivos o estudo e a pesquisa para o desenvolvimento das ciências da educação e a realização de ações efetivas para a melhoria da qualidade do ensino.

O GEEMPA foi fundado em 1970 como um grupo de estudo para o ensino de matemática. Até 1983, o GEEMPA funcionou realizando atividades de formação pessoal, de pesquisa e de divulgação do ensino da Matemática, sob a influência dos estudos piagetianos. Em 1983, o GEEMPA adquiriu uma nova identidade, cujo foco é o estudo, a pesquisa e a ação para o desenvolvimento das ciências da educação, junto ao seu compromisso com a educação popular.

A pedagogia geempiana se caracteriza por uma proposta construtivista pós-piagetiana em educação, como eles mesmos definem. Neste sentido, o GEEMPA buscou estabelecer fronteiras simbólicas de atuação no âmbito dos diversos paradigmas existentes para a teoria construtivista da aprendizagem.

Freitag (1990, p. 25) comenta que a proposta do GEEMPA para a alfabetização de crianças de classes populares parte de paradigmas não muito diferentes daqueles que servem de base ao ensino atual. A autora afirma que proposta do GEEMPA se compatibiliza com o quadro mais amplo do construtivismo, tal como proposto pela teoria de Piaget, como uma hipótese epistemológica para a prática pedagógica.

Rocha (2003) apresenta de forma sucinta as bases conceituais da proposta geempiana.

Em termos teórico-conceituais, a proposta geempiana de alfabetização está situada na confluência das obras de Jean Piaget, Henri Wallon, L. S. Vygotski, Sara Pain, Emilia Ferreiro e Paulo Freire, entre outros, lidos a

partir da sala de aula, do lugar do professor e de seu compromisso com a efetiva aprendizagem de seus alunos. Portanto, a partir do lugar da didática, em uma concepção enriquecida da mesma, na qual é vista como um campo próprio que recebe as contribuições da psicologia, da psicanálise, da antropologia, da sociologia, da filosofia, mas que não renuncia a seu papel específico (ROCHA, 2003).

Segundo as bases teóricas que orientam a proposta geempeniana de alfabetização, a base da produção do saber escolar está na convicção de que só ensina quem aprende, uma vez que o ensino é um caminho de duas mãos. Em uma mão estão as atividades didáticas preparadas pelo professor, na outra mão, estão os esquemas de pensamento dos alunos, ou sejam, as hipóteses que eles fazem dos conceitos em pauta.

1.3 Projetos Políticos Pedagógicos

Este capítulo trata dos Projetos Políticos Pedagógicos das duas escolas estudadas. Realizou-se uma síntese de cada PPP, assim como uma análise de sua fundamentação. O objetivo deste estudo visou dar suporte às observações feitas em sala de aula e às entrevistas realizadas com os professores das duas instituições.

Nas escolas, a educação tem um dos seus pontos de partida, a elaboração do seu próprio PPP. O PPP da escola engloba a realidade da escola, além de inserir as práticas pedagógicas que serão realizadas com os alunos em sala de aula.

Ao considerar a questão da educação como instrumento de aprimoramento do ser humano, como colaboradora das pessoas na busca da realização, como construtora e estimuladora do exercício da cidadania, o PPP passa a ocupar um espaço fundamental na escola.

Pelas observações em sala de aula, que estão transcritas e analisadas em outro capítulo, poderemos constatar se a prática está de acordo com a teoria, ou, se está havendo uma mistura de idéias, vindas do próprio professor, sem foco no PPP da escola, onde a prática se traduz num ecletismo. Daí, a importância da análise do PPP.

O PPP é um tema que tem tomado cada vez mais espaço nos últimos anos nos eventos educativos e nas publicações. A Lei de Diretrizes e Bases (LDB, 9.394/96), segundo Lima (2004, p. 187), dá a incumbência às escolas da elaboração participativa de sua proposta pedagógica. Tal incumbência se reverteu, para algumas instituições, em uma obrigatoriedade legal, tornando-se apenas um ato burocrático, o que limita a verdadeira função da elaboração do PPP da escola.

O PPP é o documento mestre da instituição de ensino, consiste na formulação de uma proposta educacional, com bases conceituais e políticas que estabelecem a direção em que a instituição de ensino deve se orientar.

O PPP traz uma visão de educação pautada em uma visão de sociedade e que, a partir de seus sujeitos e realidade, traçam uma proposta de ação pedagógica e social. É, portanto, um documento de identidade, no qual os agentes de ensino se vêem e atuam.

Nogaro (1995, p. 69), afirma que: “A minha prática deverá ser o reflexo dos valores constantes no PPP; deverá ser sua vivência, o que eu chamo de prática pedagógica”. Dessa forma, tem-se o ponto de partida do professor, ou seja, com base no PPP, o professor tem um direcionamento do que deve exercer em sala de aula.

O Projeto Político Pedagógico tem os seguintes objetivos:

- Levar a fazer uma reflexão sobre o cotidiano da escola e das práticas pedagógicas ali articuladas e construídas;
- Definir o método e a teoria que são utilizados em sala de aula, que estabelecem os rumos que se quer seguir;
- Expressar propósitos, ações a serem desenvolvidas, filosofia, prática pedagógica, compromissos que envolvem toda a comunidade escolar.

O PPP passa a fazer parte da vida diária da escola. Projeto no sentido de lançar para diante, um plano de ação. Político, por ter um compromisso com a formação do cidadão para a sociedade, compreendendo uma ação intencional, deliberada, compromisso defendido coletivamente. Pedagógico, isto é, Pedagogia,

que envolve a teoria e a prática. Na dimensão pedagógica, reside a intenção da escola, que é a formação do cidadão participativo, responsável, compromissado, crítico e criativo.

Às vezes, um PPP pode veicular uma ideologia e servir a determinados interesses. A prática pedagógica pode substituir a reflexão por um discurso ideológico sobre o homem, a criança e a cultura. No dizer de Charlot:

A criança é o ser cuja faculdade e personalidade não estão ainda formadas, o que a expõe a todos os perigos que a espreitam, mas o que a abre a todas as influências protetoras e formadoras. (CHARLOT, 1983, p. 116)

Daí a importância da linguagem utilizada na alfabetização, os métodos adotados e o impacto que eles causam nos alunos, se estão ou não desenvolvendo o espírito crítico e criativo. Como também se deve dar importância no modo como os alunos estão sendo educados, interpretados e como suas ações estão sendo construídas no cotidiano escolar, nas atitudes, nos comportamentos, e como os conhecimentos são adquiridos via alfabetização.

Neves de Jesus (1996, p. 5), afirma que “[...] cada vez mais a eficiência do professor no processo de ensino-aprendizagem passa pelo seu sucesso no plano da relação pedagógica. [...]”. Por isso, existe um compromisso fundamental entre o professor em sala de aula e o Projeto Político Pedagógico da instituição de ensino.

A prática pedagógica também sofre interferência da cultura, considerando que, determinados valores do cotidiano, do contexto social, são trazidos para o interior da escola e implementados na prática pedagógica.

Charlot (1983, p. 14), exprime muito bem ao declarar que “[...] a educação transmite, portanto, às crianças modelos sociais de comportamentos [...]”. A criança assimila os modelos e os ideais da classe social a que pertence e dos grupos sociais com os quais está em contato. A criança sofre a influência dos modelos que são apresentados pelos métodos e teorias aplicados em sala de aula.

Não é possível fazer educação sem um projeto, ou seja, alfabetizar sem estabelecer métodos adequados que proporcionem à criança uma educação de qualidade que envolva o ato da leitura, da escrita e da interpretação. Por isso, o

professor deve estar consciente de que sua atividade em sala de aula está pautada no Projeto Político Pedagógico da escola.

A seguir, apresentamos uma síntese dos Projetos Políticos Pedagógicos das escolas estudadas neste trabalho, a escola pública municipal e a escola particular, para constatar quais são as diretrizes que implementam a tarefa de educar de cada uma dessas escolas.

1.3.1 O Projeto Político Pedagógico da Escola Municipal

O Projeto Político Pedagógico da escola municipal é datado do ano de 2002 e está todo estruturado em 37 páginas. Na capa do documento há o tema da escola, “Educação é Conversão”, uma citação da patrona que dá o nome na escola.

O PPP da escola está organizado da seguinte forma: primeiro há a identificação da escola e uma justificativa do motivo de se ter um PPP, baseado nas exigências da LDB (Lei de Diretrizes e Bases) e das Diretrizes Curriculares Nacionais (1996). Em seguida, é apresentado um histórico da fundação da escola, contendo também, a sua organização, sua filosofia e princípios didáticos pedagógicos. Também há um item descrevendo os conteúdos, competências e habilidades propostas, e respectivos encaminhamentos metodológicos. No final do projeto, se encontra o planejamento anual de cada disciplina ministrada em cada uma das séries que a escola possui.

A Escola Municipal está localizada numa cidade ao norte do Estado do Paraná e iniciou suas atividades no ano de 2001, graças às lutas empenhadas pela comunidade do bairro. Por um período de oito anos a comunidade manteve contatos com as autoridades do município, para conseguir realizar o grande sonho de se ter uma escola no bairro.

Oficialmente, a escola foi inaugurada em 11 de agosto de 2001, recebendo o nome de uma educadora da cidade, e foi referendado democraticamente pelos representantes da comunidade. A escola desenvolve, no período matutino e vespertino, a educação infantil e o ensino fundamental,

atendendo em torno de 450 crianças. No período noturno a escola oferece o curso de alfabetização de adultos.

A comunidade onde a escola está situada é resultado do assentamento de famílias residentes há quinze anos no local, como também, de famílias de outros bairros e de cidades vizinhas que acabaram se fixando no bairro de periferia.

A renda gira de um a três salários mínimos, com famílias numerosas e em muitos casos mantidas pelo trabalho e sob os cuidados da mãe. A quase totalidade dos alunos recebe o auxílio da bolsa escola federal. A escolaridade dos pais corresponde ao ensino fundamental de 1ª à 4ª série e há várias salas de educação de jovens e adultos funcionando no bairro. Existem diversos projetos acontecendo no bairro que visam aumentar a qualidade de vida pelo atendimento à saúde e à infância.

Carência afetiva, econômica, falta de orientação e cuidados são itens marcantes no cotidiano desta comunidade, o que reflete também na escola e por isso se vê esta preocupação no PPP da escola, que expõe:

Para o desenvolvimento de um trabalho de qualidade, há uma grande preocupação com as normas de convivência, que definem as relações no ambiente de trabalho. A escola quer um ambiente de harmonia onde o professor procure o diálogo como caminho primeiro para a solução dos problemas de relacionamento que surgirem. É importante formar um grupo cooperativo, solidário, sabedores de que o bem de todos está acima do bem individual. (PPP escola municipal TCB, 2002)

A condição da comunidade está explícita na descrição do projeto, e isso também envolve os possíveis problemas que o aluno pode apresentar na escola. Por isso, o projeto descreve inclusive a forma como o professor deve se relacionar com o aluno, assim como se traduz da seguinte maneira no PPP da escola:

No relacionamento professor-aluno, a reciprocidade e o compromisso são fundamentais para a aprendizagem. Quando surgem problemas disciplinares, o diálogo, a orientação, tomar conhecimento da história de vida do aluno, os motivos que levaram o aluno a reagir de determinada forma naquele momento, devem ser as primeiras atitudes do professor. Este deve proporcionar na sala de aula um ambiente tranquilo e acolhedor, em que a afetividade possa ser expressada e o aluno possa crescer emocionalmente, através do auto-conhecimento. (PPP escola municipal TCB, 2002)

O projeto também cita os possíveis problemas que possam aparecer entre os próprios alunos. A agressividade e a violência são citadas também de forma explícita e, neste caso, o projeto propõe meios, através do diálogo, para que estes fatos sejam resolvidos de forma harmoniosa. O projeto enfatiza que é necessário elevar a auto-estima do aluno, de forma a melhorar a convivência na escola.

A preocupação com a disciplina está tão evidente na descrição do projeto da escola, que há um direcionamento quando a própria escola não consegue resolver um problema de disciplina.

Sendo o problema impossível de resolver em sala de aula, por demandar atitudes mais enérgicas, o aluno é encaminhado à Direção, que faz contato com a família e dependendo do caso, com o Conselho Tutelar e Patrulha Escolar. (PPP escola municipal TCB, 2002)

O projeto também cita a importância do papel dos pais na escola. O projeto coloca a necessidade da interação dos pais com a escola, para que os problemas sejam resolvidos com a participação de ambos. Busca-se a aproximação de pais e escola, através de reuniões periódicas, pedidos de ajuda para a solução dos problemas comuns, aconselhamentos para alunos.

São sugeridas no projeto e estão implementadas na escola algumas propostas de trabalho para estabelecer boas normas de convivência entre os alunos, como o recreio monitorado, onde as turmas saem uma de cada vez, para que se possa desenvolver atividades recreativas com as crianças, evitando assim brigas, orientando sobre os bons hábitos à mesa, brincando de forma saudável.

O item II do Projeto Político Pedagógico da escola aborda a Filosofia e Princípios Didático-Pedagógicos. Este item começa com uma frase da patrona da escola, Professora Tereza, que diz: “Educação é conversão”.

Toda filosofia e projeto pedagógico da escola giram em torno dessa frase, que é bastante significativa, considerando que a patrona da escola foi uma grande educadora, deixando um legado de amor e muito compromisso pela educação. A proposta pedagógica destaca:

Sob o seu exemplo e pautados nos conhecimentos sobre o processo de ensino e aprendizagem, sua profunda relação com a afetividade, buscamos efetivar essa conversão: em primeiro lugar, em nós mesmos, aprimorando nossos conhecimentos, buscando o trabalho cooperativo e interdisciplinar e contextualizado, discutindo nossas ações, aproximando-nos da realidade do

aluno, buscando sua valorização pessoal. (PPP escola municipal TCB, p. 4, 2002)

Quando a patrona da escola se refere à conversão, está aludindo à conversão interior, em transformações interiores, que envolve o aprimoramento estável do ser humano, quando a educação proporciona qualidades permanentes e dinâmicas que enriquecem na linha do agir e do fazer. A educação tem que ajudar os alunos a conquistarem qualidades interiores, qualidades suas, para uma ação mais lúcida e mais pessoal, que exige esforço e persistência, produzindo uma consciência crítica, reflexiva e inovadora.

No que diz respeito às práticas pedagógicas da escola, o PPP diz:

Tomamos como princípios didático-pedagógicos a teoria, construtivista de Piaget e as idéias sócio-interacionistas de Vygotsky, em sintonia com a rede municipal de ensino e a L. D. B. e Diretrizes Curriculares Nacionais. (PPP escola municipal TCB, 2002, p. 4)

1.3.2 O Projeto Político Pedagógico da Escola Particular

O Projeto Político Pedagógico da escola particular é datado de 2001 e está descrito em 2 volumes, o primeiro apresenta 439 páginas e o segundo 469 páginas. A escola particular estudada é um colégio que apresenta um Projeto Político Pedagógico bem completo. Os fundamentos da escola, baseado no sistema pedagógico de *Schoenstatt*, estão bem organizados e embasados na descrição do projeto. O PPP do colégio contempla muitos dados, ocupando dois volumes escritos.

No primeiro volume há uma descrição histórica completa do Movimento de *Schoenstatt*, inclusive com a citação de eventos e a inclusão de fotos históricas do Movimento. O Projeto cita explicitamente a Pedagogia de *Schoenstatt*, a Pedagogia do Ideal e a Pedagogia Mariana. O PPP do colégio segue depois, com a descrição da estrutura física e funcional do colégio, citando o material contido em cada sala de aula e como estão organizados os departamentos do colégio. No final do segundo volume, encontra-se o planejamento anual de todas as disciplinas ministradas em todas as séries do colégio.

O colégio é uma entidade de livre iniciativa, confessional católica e filantrópica. Libâneo (1982, p. 59) atesta que “[...] consideramos como confessional aquele estabelecimento que se diz ligado à Igreja, e como tal é reconhecido pelos que o freqüentam”. O colégio é uma instituição de ensino dirigida pelas irmãs da Congregação de *Schoenstatt*, ligada à Igreja Católica.

O sistema pedagógico de *Schoenstatt*, criado pelo Padre José Kentenich, fundador da Obra Internacional de *Schoenstatt*, é o alicerce do colégio. O projeto cita que esta instituição educacional apresenta um projeto pedagógico voltado à formação do ser humano integral. Os valores humanísticos e cristãos conduzem o processo pedagógico para metas na formação de personalidades autênticas que atuam, com liberdade, como agentes da nova ordem social. Esta instituição educativa afirma que avalia o seu projeto pedagógico repensando o papel da educação para o novo milênio.

No colégio, a educação envolve tanto a formação física e intelectual, quanto a religiosa, passando a educação religiosa a fazer parte integrante do currículo. Os pais, ao matricularem seus filhos, são notificados dos princípios filosóficos e pedagógicos norteadores do projeto pedagógico.

1.3.2.1 Princípios Filosóficos Básicos

O Projeto Político Pedagógico do colégio deixa claro que está pautado em princípios filosóficos e pedagógicos que caracterizam a Obra Internacional de *Schoenstatt*, onde visa transmitir um ideal de homem, ou, mais especificamente, um ideal de mulher, considerando que a educação feminina é o centro de todo o sistema educacional do colégio. A opção do colégio é um sistema pedagógico baseado na Pedagogia de *Schoenstatt* com o enfoque na educação feminina.

O colégio, apoiado numa filosofia cristã, destaca três princípios filosóficos básicos, que norteiam a prática pedagógica da instituição. O primeiro princípio cita que “A ordem do ser determina a ordem do agir”. A ordem do ser, no caso do homem ou da mulher, como expressão do plano divino, como ser individual e comunitário, determina a ordem da vida, como também o objetivo da educação e o modo de educar.

O modo de ser da mulher, enquanto pessoa, é que determina o modelo de educação que deve ser dado a ela. A mulher tem uma natureza que lhe é própria e, é de acordo com essa natureza que a educação deve ser desenvolvida. Daí, a Pedagogia do Ideal. Qual é o ideal de mulher? Que modelo de educação é adequado à mulher?

Este princípio descrito no PPP do colégio leva em consideração a relação do homem consigo mesmo, que envolve a educação da personalidade, e também a relação do homem com o humano e o divino, o que implica na educação junto à comunidade e na formação religiosa.

O segundo princípio no qual está baseado o Sistema Pedagógico de *Schoenstatt*, consiste em: “A graça supõe a natureza, a graça não destrói, mas a eleva e aperfeiçoa”. Trata-se aqui da união entre a natureza do ser humano e a graça divina. A graça não existe isoladamente, mas a natureza é o suporte da graça. Alves (1987, p. 133) destaca que “a graça é vista como um poder adicional oferecido ao homem, a fim de tornar possível a sua adaptação às estruturas dadas dos valores eternos”.

Este segundo princípio leva em consideração a relação do homem consigo mesmo, que envolve a educação da personalidade, e também a relação do homem com o humano e o divino, o que implica na educação junto à comunidade e na formação religiosa.

O projeto pedagógico do colégio destaca que o homem precisa ser educado não só para a vida terrena, mas também para a vida espiritual. Assim como o educador e o educando necessitam de conhecimentos teóricos, é preciso que eles também se alimentem espiritualmente. As vivências e experiências de Deus lhes abrirão horizontes novos.

O terceiro princípio inserido PPP do colégio é o princípio que: “Deus é amor”. Este princípio está vinculado à Pedagogia do Ideal, que é essencialmente inspirada no amor e na confiança. O ideal está relacionado no modelo de ser humano perfeito, tendo como modelo Nossa Senhora, que é mãe dos homens e educadora. É ressaltado que o princípio do amor constitui o fundamento e o alicerce

da vida de todo ser humano, já que é um dos mandamentos da Lei de Deus: “amar a Deus e amar o próximo”.

1.3.2.2 A Pedagogia do Ideal

A Pedagogia do Ideal é um elemento essencial dos princípios filosóficos e pedagógicos que estão inseridos no PPP do colégio. Kentenich (1984), o fundador do movimento *Schoenstattiano*, ressalta que a Pedagogia do Ideal abrange a pedagogia da atitude, da magnitude, da humildade, da liberdade, da alegria, destacando como pontos relevantes, a atitude e a humildade. A educação confessional católica necessita orientar-se por atitudes, comportamentos, que levem ao aprimoramento do ser humano, principalmente no agir operando transformações.

Os atos desenvolvidos pelo homem contribuem para a criação de hábitos que, através dos exercícios, constituem meios para se criar uma mentalidade de ação. Essa pedagogia não se fundamenta na fabricação de modelos de homens em série, carentes de identidade e personalidade, mas conforme Strada e Pontes (1998, p. 12) afirmam: “Esta pedagogia está sustentada por uma visão antropológica”.

O fundamento dessa pedagogia é a concepção de que Deus tem do homem, como ser individual, comunitário, criado à sua imagem e semelhança.

A Pedagogia do Ideal abrange a pedagogia da atitude em oposição a simples pedagogia de atos; a pedagogia da generosidade em oposição à do dever; a pedagogia da humildade em oposição à da vanglória e auto-justificação; a pedagogia da liberdade em oposição à do constrangimento; a pedagogia da alegria, em oposição a pedagogia da tristeza (KENTENICH, 1984, p. 144).

Esta educação do ideal gera uma atitude que, sem desprezar os atos, ajuda-os a se tornarem uma atitude interior, isto é, uma abertura para realizar o ideal.

Na Pedagogia do Ideal, é de fundamental importância o ideal comunitário, de classe e de grupo. Cada ser humano é único em seu ideal pessoal, mas também cada grupo humano pode ter o seu ideal, que se constitui e se define como comunidade.

A pedagogia do ideal constitui-se na expressão religiosa da comunidade. Por ela, se orientam todas as manifestações da vida, tanto do educador como do educando. Este ideal cria uma atitude religiosa no seio da comunidade, que deve dominar a vida da pessoa, como um sujeito autônomo e de ação própria. Assim, não se forma apenas o indivíduo, mas também o grupo e a comunidade. É criar um novo homem que, por consequência, acaba criando uma nova comunidade. O homem criado à imagem e semelhança de Deus deve ter uma imagem ideal da educação, a imagem de Cristo.

O ideal comunitário é a expressão da atmosfera comum que deve predominar em todos os membros, que, para Kentenich (1991, p. 152), tem uma importância fundamental à luz da revolução cultural de nossa época: “O que se tem perdido na atualidade? Pela forte revolução cultural temos perdido a “alma” da comunidade e o sentido de uma mentalidade comum”.

Trabalhar com a Pedagogia do Ideal de forma efetiva significa chegar a criar em todo colégio um clima espiritual próprio, que uma a originalidade de cada pessoa, numa consciência comum de todos que integram a instituição.

Para obtenção dessa pedagogia o colégio valoriza a disciplina acadêmica, tanto sob o ponto de vista individual como comunitário, alicerçada numa atmosfera de respeito, alegria e de tranqüilidade, que contribua para o processo de aprendizagem e educação.

No sistema pedagógico *Schoenstattiano*, é preciso mencionar o papel relevante que desempenha Nossa Senhora. Kentenich (1984), falando da importância da educação Mariana, considerava-a como educadora. A educação deve ser desenvolvida por Maria, pois ela é o modelo e a grande educadora do homem novo. Por isso, no sistema pedagógico de *Schoenstatt*, Maria se torna modelo para a formação do novo tipo de homem.

A fonte de toda obra de *Schoenstatt* é o Santuário de Maria, Mãe Três Vezes Admirável de *Schoenstatt*, que tem por objetivo básico a renovação moral e religiosa do mundo. Por isso o colégio tem a capelinha no pátio. A capelinha é o centro de orações, de meditação e de encontros da comunidade.

A disciplina de religião é ministrada como as demais disciplinas do currículo. O corpo docente também é introduzido na pedagogia própria do colégio. Por isso a direção da escola procura contratar professores que, além de qualificados, comunguem as diretrizes do sistema pedagógico.

Kentenich (1984), chega a comparar o educador aos grandes artistas e pintores que produzem obras grandiosas e imortais. Os professores devem estar comprometidos com a construção de um mundo melhor e com a realização do projeto educativo.

Para integrar os professores com o projeto pedagógico, o colégio promove encontros pedagógicos, no início do ano, que abrangem desde reflexão sobre a educação, atualização pedagógica, currículo, conteúdos, programas, até a compreensão do projeto pedagógico em seus princípios filosóficos e pedagógicos. Nesses encontros é explicitada a compreensão da educação e os grandes objetivos da pedagogia *Schoenstattiana*.

2 METODOLOGIA

O presente trabalho foi desenvolvido segundo uma metodologia de pesquisa de campo.

De acordo com Chizzotti (2000, p. 53) “a observação estruturada ou sistemática consiste na coleta de dados e registro de eventos observados que foram previamente definidos”. Munido de uma listagem de itens sobre a alfabetização, foram observados itens significativos como metodologia, conteúdos, procedimentos didáticos, entre outros itens, que estavam acontecendo nas aulas, que serviram como suporte para a pesquisa.

O registro dos itens foi realizado no momento em que as professoras estavam ministrando suas aulas. Após as observações, os dados coletados foram classificados e analisados, comparando-os entre a teoria e a prática utilizada em sala de aula.

2.1 Amostra

Participaram do estudo, professoras do ensino fundamental de duas escolas, uma particular e outra pública municipal. Foram quatro professoras da escola municipal, na faixa etária entre 30 e 55 anos, e uma professora da escola particular, na faixa de 30 anos de idade.

As professoras foram convidadas a participar da pesquisa concedendo entrevistas sobre alfabetização e, algumas delas, cedendo as salas de aulas para que fossem realizadas as observações participantes nas aulas da primeira série do ensino fundamental.

2.2 Local

As duas escolas pesquisadas, a pública municipal e a particular, estão localizadas numa cidade do Norte do Estado do Paraná. A escola particular está

localizada no centro da cidade e a escola municipal está localizada num bairro de periferia distante 10 km do centro da cidade.

O trabalho de observação ocorreu em duas salas de aula, uma de cada escola, durante as aulas ministradas pelas professoras responsáveis pelas salas da primeira série do ensino fundamental.

2.2.1 Caracterização das Instituições

O colégio particular é uma das escolas mais tradicionais da cidade, sendo uma das escolas pioneiras, fundado em 1936, apenas dois anos depois da fundação da cidade. A estrutura da educação infantil do colégio é composta por 5 salas de aulas, 1 sala de coordenação pedagógica, *playground*, sala da boneca, cantina, cooperativa escolar e área interna, totalizando uma área de 514,30 m².

O ensino fundamental do colégio possui 5 salas de aula, 1 sala de pintura, 1 sala de artes, 1 sala de aula de datilografia e digitação. A estrutura administrativa e pedagógica do colégio propicia salas específicas para os atendimentos: sala da coordenação de 1^a a 4^a série do ensino fundamental, sala da coordenação de 5^a a 8^a série do ensino fundamental, sala da coordenação do ensino médio, sala de auxiliar de coordenação e sala das regentes de 6^a, 7^a e 8^a série. O colégio também oferece cursos de língua alemã, que se desenvolvem em salas especiais.

O colégio, no seu funcionamento integral, necessita de diversas outras salas assim compostas: uma sala de professores, uma sala de laboratório de informática, uma sala da coordenação de informática, uma sala de vídeo, uma sala de audiovisuais (videoteca), biblioteca e secretaria. Lugares especiais do colégio fazem recordar a história e o desenvolvimento pedagógico: a capela histórica é o lugar onde o fundador, Padre José Kentenich esteve e deixou um imenso conteúdo pedagógico. Neste lugar é conservado um documentário histórico religioso.

Os cursos de música merecem uma atenção especial, proporcionando ao colégio uma integridade em seus programas de ação com várias salas exclusivas, onde há a secretaria, as salas de ensino, um mini salão, biblioteca, sala de professores e coordenadores.

A escola municipal foi fundada em 2001, possui uma área construída de 1000 m², distribuídos em 8 salas, com refeitório, cozinha, setor administrativo e quadra de esportes. Foi construída atendendo uma solicitação da comunidade local que esperou por mais de oito anos a instalação de uma escola no bairro. Esta escola está localizada na periferia da cidade, em uma região de baixo poder aquisitivo, distante 10 km do centro da cidade.

Optamos por estas duas escolas com o objetivo de fazer um estudo comparativo entre uma escola particular e outra pública. A escola particular estudada é dotada de infra-estrutura completa, que proporciona todas as condições necessárias para o bom desenvolvimento da aprendizagem. A escola pública municipal, situada na periferia, apresenta as mais diversas limitações e deficiências para o desenvolvimento das atividades em sala de aula.

2.3 Procedimentos de Coleta e Análise dos Dados

Um dos primeiros passos para a realização desta pesquisa foi o contato com as direções das escolas. Inicialmente, ocorreu uma reunião com cada uma das diretoras das duas escolas, na qual foi devidamente explicado o tema da pesquisa, os objetivos e as tarefas que seriam realizadas. Num segundo momento da reunião, foi solicitada autorização para que a pesquisa pudesse ocorrer em cada uma das escolas. As duas diretoras se interessaram pelo projeto de pesquisa e se prontificaram a colaborar com tudo o que fosse necessário para o andamento da pesquisa. A diretora da escola particular já me encaminhou para a coordenadora pedagógica da escola e me apresentou para a professora responsável pela primeira série do ensino fundamental. Na reunião com a diretora da escola pública, a supervisora pedagógica da escola estava presente e foi decidido que elas iriam conversar com as professoras da primeira série para explicar a pesquisa e para solicitar a colaboração das mesmas. A carta de solicitação, pedindo a autorização das diretoras para a pesquisa se encontra no Apêndice 1 deste trabalho.

No momento em que houve o contato com as diretoras de cada instituição de ensino, também foi solicitada a autorização para o estudo do Projeto

Político Pedagógico de cada uma das escolas. A diretora da escola municipal autorizou que fosse feito o empréstimo do PPP da escola sem nenhum problema. A diretora da escola particular autorizou que fosse feito o estudo do PPP, mas não autorizou que o PPP saísse da instituição, e solicitou que a pesquisa do PPP da escola fosse feita na própria biblioteca. Não foi permitido também que se fizesse cópia xerox de nenhuma página do PPP da escola particular. Por este motivo, todo o estudo do PPP da escola particular ocorreu na própria biblioteca da escola, durante vários dias, em vários momentos em que foi preciso consultá-lo.

O contato com as professoras, solicitando as entrevistas e pedindo a autorização para a observação em sala de aula, ocorreu de forma diferente em cada escola.

Na escola particular foi tudo muito rápido, no mesmo dia da reunião com a direção da escola, onde a própria diretora, através da coordenadora, me encaminhou para a professora da primeira série e pediu para que a professora colaborasse com a pesquisa. Na conversa com a professora, ela se prontificou em dar a entrevista e autorizou a observação na sua sala de aula.

Na escola pública, o contato com as professoras ocorreu em uma outra ocasião, alguns dias após a primeira reunião com a direção da escola. A diretora solicitou que, antes que eu tivesse um contato com as professoras, ela e a coordenadora da escola explicariam o objetivo da pesquisa e solicitariam a participação das professoras. Quando entrei em contato com as professoras da escola pública, todas já sabiam o que seria feito e se prontificaram a ajudar naquele momento.

Em todos os contatos com as professoras foi deixado bem explícito que as entrevistas seriam gravadas e que o nome de nenhuma delas seria divulgado. As entrevistas têm a finalidade de aprofundar as questões e esclarecer as questões observadas.

A carta de solicitação, pedindo a autorização das professoras para a colaboração na pesquisa através das entrevistas e das observações em sala de aula se encontra no Apêndice 2 deste trabalho e o roteiro das entrevistas realizadas se encontra no Apêndice 3.

A observação em sala de aula ocorreu da seguinte forma: durante os meses de março a julho de 2005, fiquei observando as atividades das professoras da primeira série do ensino fundamental. Na mesma semana, observava uma sala da escola particular num dia e, num outro dia, observava a sala da escola pública municipal. Houve também a observação no final do ano letivo, nos meses de outubro e novembro, com o objetivo de avaliar o nível de alfabetização das crianças de cada uma das escolas.

As observações realizadas em sala de aula, em cada uma das escolas analisadas, tiveram o objetivo de investigar, no dia a dia, as metodologias utilizadas pelos professores para a realização da alfabetização. Para a concretização dos objetivos propostos, foi definida como estratégia, a utilização das técnicas de observação com os respectivos registros das atividades realizadas pelos professores.

Para a realização das observações, acabei optando por fazer um diário de cada um dos dias observados. Registrei neste diário tudo o que ocorria em sala de aula, levando principalmente em consideração o processo de ensino que cada professora adotava a metodologia utilizada em sala de aula, os conteúdos trabalhados, o relacionamento professor-aluno, o desenvolvimento dos alunos na alfabetização.

Também apliquei uma atividade para verificar em que nível de escrita as crianças se encontravam em dois momentos distintos do ano letivo. A primeira atividade foi dada no mês de junho e teve como tema a “Festa Junina”. A segunda atividade foi dada no mês de dezembro e teve como tema “A Minha Escola”.

Os dados coletados foram submetidos à análise qualitativa conforme os postulados teóricos apresentados no estudo.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

A pesquisa realizada nas duas escolas envolveu o estudo dos Projetos Políticos Pedagógicos de cada uma, a observação participante dentro da sala de aula, entrevistas com as professoras e a verificação do desempenho dos alunos durante o ano letivo observado. Os resultados destes processos estão apresentados neste capítulo.

3.1 Análise dos Projetos Políticos Pedagógicos (PPP)

A pesquisa baseou-se de documentos oficiais das instituições como Regimentos e os Projetos Políticos Pedagógicos. Esses documentos sugerem os objetivos, as diretrizes filosóficas, pedagógicas, políticas, técnicas, científicas e sociais das instituições. Nogaro diz que:

Falar em Projeto Político-Pedagógico é nos questionarmos se temos ou não referencial teórico. O que nós sabemos sobre educação? O que é educação para nós? O Projeto Político-Pedagógico conterá as grandes linhas de ação, as idéias que serão postas em prática. (NOGARO, 1996, p. 69)

A prática em sala de aula deve ser reflexo dos valores contidos no Projeto Político Pedagógico. Mesmo apresentando dois contextos de escolas diferentes, foi possível verificar, em cada uma das escolas, a aplicação em sala de aula da metodologia de ensino que cada escola diz adotar através do seu Projeto Político Pedagógico, com o que é praticado pelo professor em sala de aula.

3.1.1 Escola Particular

O Projeto Político Pedagógico da escola particular está bem completo e organizado. Os princípios didáticos e pedagógicos estão bem descritos e fundamentados, assim como a filosofia que a escola adota, baseada na Pedagogia de Schoenstatt.

Quem lê o projeto percebe que a filosofia da escola está descrita de forma transparente e objetiva, onde a educação feminina e a base religiosa de ensino são princípios norteadores da educação que a escola propõe.

A metodologia da escola particular está bem posicionada e definida segundo a Pedagogia de Schoenstatt, e descrita segundo fundamentos filosóficos e epistemológicos. Toda a teoria da Pedagogia de Schoenstatt está descrita no PPP da escola.

3.1.2 Escola Pública Municipal

Quanto à estruturação, o Projeto Político Pedagógico da escola municipal não apresenta uma concepção de documento adequada. Há problemas de formatação do documento, como ausência de índice, falta de organização textual (parágrafos, espaçamento) e separação de tópicos por assuntos. Temas como contexto social da escola e organização escolar estão descritos no mesmo tópico.

O PPP da instituição afirma que a metodologia de ensino está baseada na teoria construtivista de Piaget e nas idéias sócio-interacionistas de Vygotsky. Esta afirmação se encontra em duas linhas no texto do projeto. Apesar da definição explícita e direta da metodologia de ensino da escola, há uma carência de aprofundamento epistemológico na descrição do projeto.

Há uma descrição bem clara do contexto social em que a escola está inserida, bem como a exposição dos meios de interação entre pais e escola e formas de atitudes entre professores e alunos.

3.2 Observação Participante em Sala de Aula

As observações realizadas em sala de aula em cada uma das instituições tiveram por objetivo investigar as metodologias utilizadas pelos professores para a realização da alfabetização no dia a dia da escola. Como estratégia, foram utilizadas técnicas de observação presencial, com registros das atividades realizadas pelos professores em cada uma das salas observadas.

Foram muitos os momentos observados, registrados e vividos no cotidiano das crianças e professores das duas escolas selecionadas para este trabalho. Com relação à tarefa de alfabetizar em sala de aula, foram observadas

grandes diferenças de postura pedagógica, recursos utilizados e utilização de materiais escolares em geral.

3.2.1 Observação em sala de aula na Escola Municipal

Os alunos da 1º série da escola municipal são crianças carentes no sentido afetivo, econômico e cultural. São de famílias, em geral, disfuncionais, onde há casos de crianças que moram somente com a mãe, pois o pai abandonou a família. Outras vão à escola para comer, visto que a alimentação em casa não é suficiente. Ou, ainda, existem crianças que freqüentam a escola somente para receber o auxílio bolsa-escola, que o governo oferece com a condição de que essas crianças sejam assíduas. O dia a dia dos alunos em sala de aula é bastante diferenciado, em consequência desses desajustes citados anteriormente.

A instituição situa-se num bairro pobre na zona sul da cidade, onde o nível econômico das famílias é muito baixo, o qual acarreta diferentes dificuldades. A sala de aula é relativamente numerosa e bastante heterogênea. As crianças se encontravam no primeiro semestre do ano letivo em diferentes níveis de alfabetização. Na sala de aula havia alunos que conheciam o alfabeto e outras não. Algumas crianças sabiam escrever o nome, outras ainda sentiam dificuldade de reconhecer as letras. Entretanto, uma pequena minoria de educandos já estava juntando sílabas e escrevendo pequenas palavras.

No início do ano letivo, havia uma indisciplina acentuada em sala de aula. A maioria dos alunos falava ao mesmo tempo, outros só sabiam se expressar gritando e não paravam no lugar. Também existia um grau de agressividade entre os alunos na própria sala de aula.

No primeiro semestre, ocorreu uma mudança de professores na sala da primeira série. A professora que iniciou as atividades do ano letivo ficou somente até o mês de abril, sendo que após esta data, outra professora assumiu a regência da sala. A substituição ocorreu por necessidades próprias da escola. A disposição dos alunos em sala era de maneira tradicional com carteiras enfileiradas.

Após um mês do início da observação, a professora concluiu que trabalhar em equipe poderia obter um melhor resultado com relação à indisciplina,

que era um problema recorrente na classe. Ela formou equipes de no máximo seis crianças e escolheu um líder para cada grupo, o qual ficaria encarregado de cobrar as atividades que a professora pediria, assim como cobrar o silêncio do grupo e a ajuda dos colegas entre si.

Esta estratégia da professora melhorou parcialmente o comportamento de alguns alunos. Em alguns grupos, os alunos líderes conseguiram conquistar a atenção e o silêncio da equipe. Entretanto, algumas equipes nem deram importância para o líder e, alguns representantes não assumiram a tarefa de líder. Nestas equipes, a bagunça aumentou.

No final do ano letivo, houve uma mudança significativa na estrutura das salas da primeira série da escola. A direção da escola mudou a professora regente da primeira para a segunda série, e quem assumiu a turma foi a professora responsável pelo reforço, a mesma que havia iniciado o ano. A direção optou também por incluir uma professora auxiliar na primeira série.

Neste novo contexto de sala de aula, a direção dividiu os alunos da primeira série da seguinte forma: os alunos com mais problemas de aprendizagem foram reunidos em uma única turma, e os alunos mais avançados ficaram em outra.

A observação feita na sala de aula dos alunos com mais dificuldades mostrou que houve uma melhora no desempenho dos alunos. A nova professora que assumiu a sala de aula utilizou uma atitude mais disciplinar, controlando melhor a turma e, por consequência, melhorando o desempenho geral.

Durante este período de observação, percebi que as atividades em sala de aula estavam voltadas para uma metodologia mais tradicional. O uso do caderno se tornou mais freqüente, e houve também um número maior de atividades realizadas pelos alunos.

Os alunos que no primeiro semestre apresentavam maiores dificuldades e estavam mais desmotivados haviam mudado de atitude e se encontravam mais alegres e felizes, pois já conseguiam realizar as atividades propostas pela professora.

3.2.2 Observação em sala de aula na Escola Particular

Em contraposição, os alunos da escola particular são totalmente cobrados com relação à disciplina, pois é um colégio no qual a sua filosofia e pedagogia inspiram-se nos ensinamentos do Padre José Kentenich, fundador da obra Internacional de Shöenstatt. As Irmãs de Shöenstatt fundaram uma instituição que tem por objetivos principais: formar personalidades autênticas, livres, formação feminina e, paralelamente, a formação das famílias. Trilha pela “Pedagogia do Ideal” que procura formar a mulher numa visão humanizadora e cristã, que atenda a todas as aspirações da sociedade contemporânea.

Durante as observações em sala, notou-se que o colégio se adapta à modernidade, sem renunciar aos seus princípios. A professora regente só começa a aula após total silêncio da sala. Enquanto houver barulho em sala, a professora cruza os braços e espera que todas as alunas se acalmem e fiquem quietas. Após conseguir o silêncio e a atenção da turma, a professora realiza uma oração com as alunas e somente depois inicia a aula.

A disciplina tem muita importância em sala de aula e por isso é exigida de maneira rígida. Existe também uma forte cobrança das tarefas, de postura dentro e fora de sala, da amizade recíproca das alunas, não se admitindo brigas, agressões e palavrões.

Durante o ano letivo não houve mudança da professora regente em sala de aula, o que facilitou a observação do processo de ensino na escola particular. A metodologia utilizada pela professora está de acordo com a escola tradicional. A professora utilizou com muita frequência os cadernos, os livros didáticos e diversas atividades em folha de sulfite. A maioria das atividades dadas em sala de aula complementava o que era ensinado em sala. Os Apêndices D e E apresentam as atividades ministradas em sala de aula no primeiro e segundo semestre respectivamente.

Na instituição, havia inúmeras atividades paralelas às atividades da sala de aula. As alunas tinham aulas de inglês, educação física, música, religião e artes. O ensino religioso católico é muito forte na educação das alunas.

3.3 Atividade de verificação de nível de escrita

Durante a observação em sala de aula realizada no primeiro e no segundo semestre em cada uma das escolas, apliquei uma atividade para verificar o nível de escrita em que as crianças se encontravam. Estes exercícios foram aplicados no final de cada semestre, mediante a autorização prévia das professoras regentes das turmas. A minha intenção foi apenas identificar o nível de alfabetização dos alunos das duas escolas, no início e no final deste trabalho.

A seguir, encontram-se alguns exemplos digitalizados do material produzido pelos alunos. A primeira atividade ocorreu no período da festa junina das escolas. As crianças estavam empolgadas com os preparativos da festa junina de cada uma das escolas e, por isso, a receptividade para a realização desta tarefa foi total. Pedi para que as crianças escrevessem frases sobre a festa junina da maneira que eles soubessem. Aquelas que terminassem de escrever poderiam pintar o desenho da figura.

No final do segundo semestre, apliquei um trabalho semelhante, mas o tema foi sobre a escola em que estudavam. Solicitei que eles escrevessem o que mais gostavam na escola, o que achavam da escola e porque esta era importante.

Os desenhos foram cópias xérox em que as crianças pintaram e fizeram frases sobre o tema proposto na atividade. Os exemplos a seguir mostram os níveis encontrados em cada uma das escolas.

As figuras de 1 a 3 indicaram os modelos elaborados pelos alunos no primeiro semestre e as figuras de 4 a 6 representam os exemplos realizados no segundo semestre pelos alunos da escola municipal. Os exercícios dos alunos da instituição particular estão representados nas figuras de 7 a 12, incluindo o primeiro e o segundo semestre respectivamente.

Figura 1 – Atividade realizada por aluno da escola municipal no 1º semestre



Figura 2 – Atividade realizada por aluno da escola municipal no 1º semestre



Figura 3 – Atividade realizada por aluno da escola municipal no 1º semestre



Figura 4 – Atividade realizada por aluno da escola municipal no 2º semestre



Figura 5 – Atividade realizada por aluno da escola municipal no 2º semestre



Figura 6 – Atividade realizada por aluno da escola municipal no 2º semestre

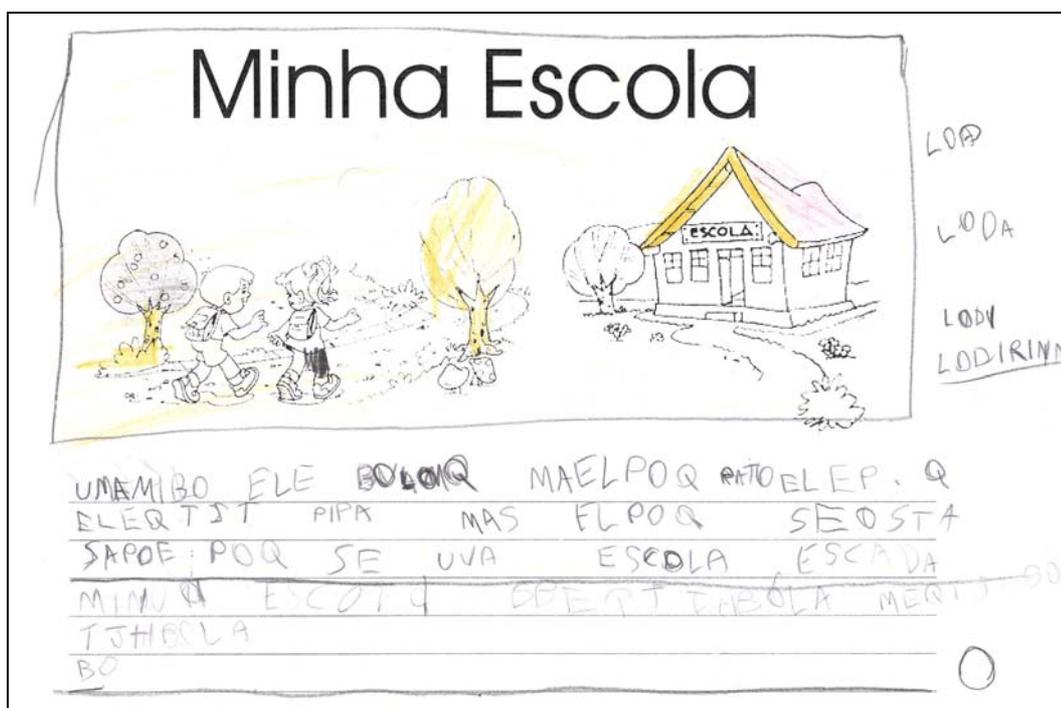


Figura 7 – Atividade realizada por aluno da escola particular no 1º semestre



Figura 8 – Atividade realizada por aluno da escola particular no 1º semestre



Figura 9 – Atividade realizada por aluno da escola particular no 1º semestre

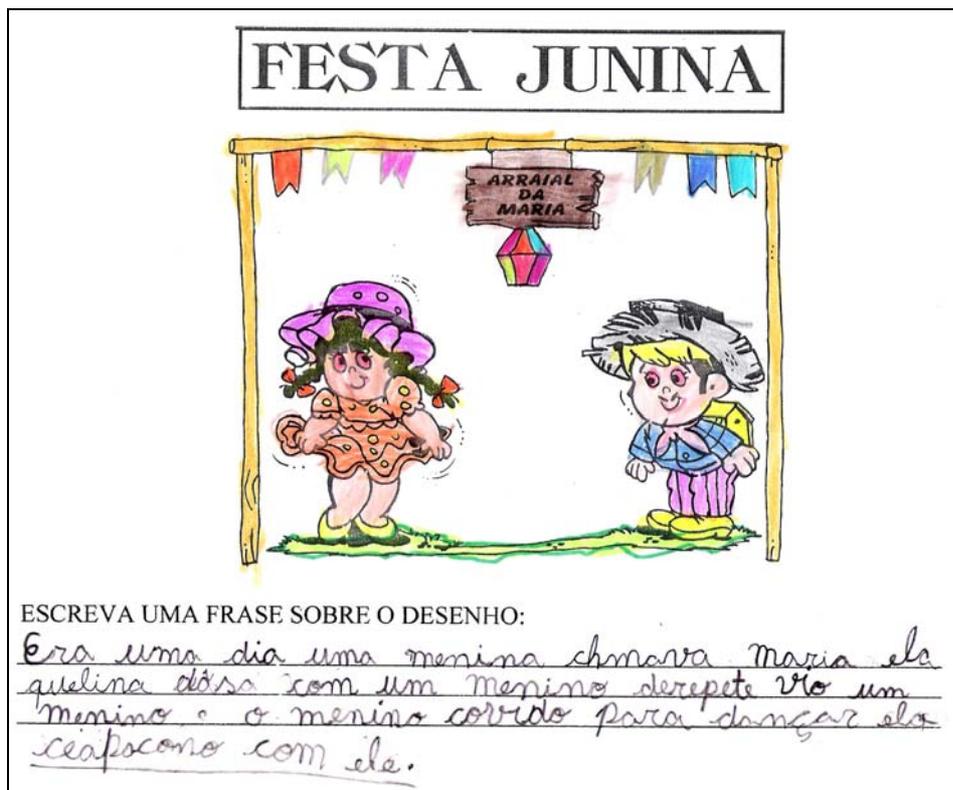


Figura 10 – Atividade realizada por aluno da escola particular no 2º semestre



Figura 11 – Atividade realizada por aluno da escola particular no 2º semestre

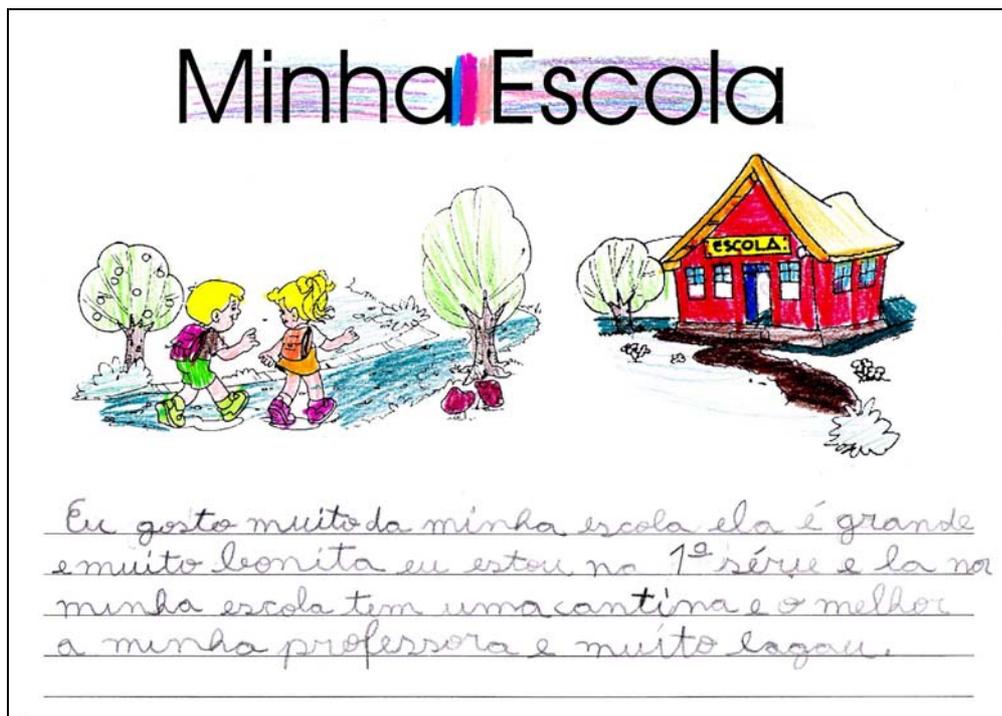
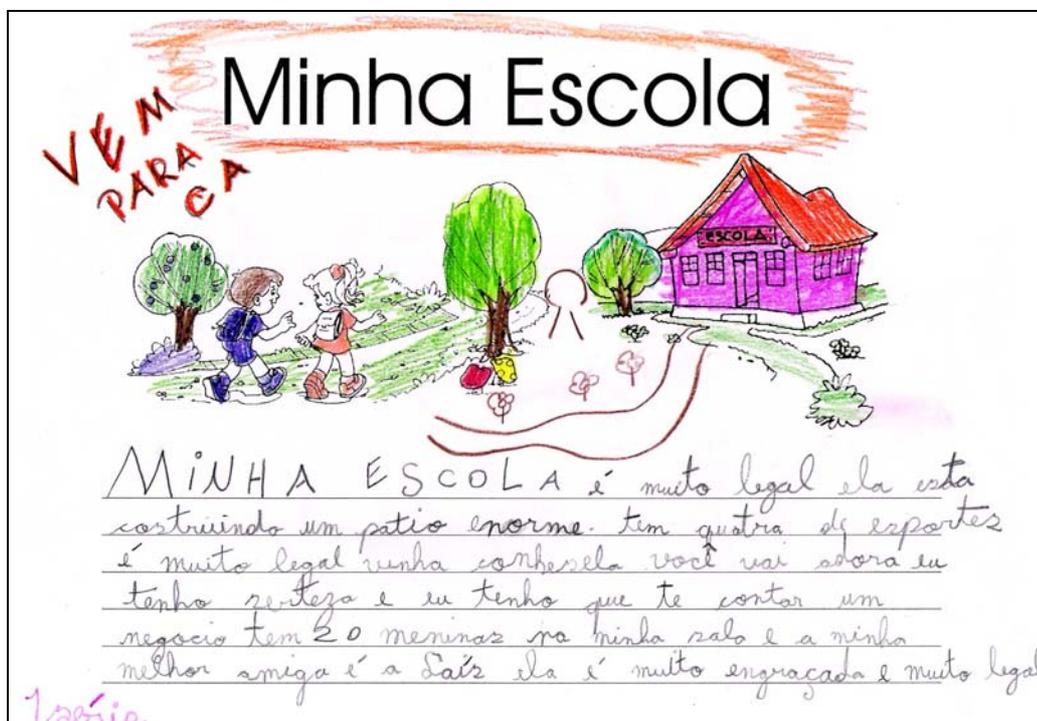


Figura 12 – Atividade realizada por aluno da escola particular no 2º semestre



3.4 Entrevistas com as professoras

A entrevista com as professoras das duas escolas foi um dos instrumentos de análise deste trabalho.

A entrevista dirigida em pesquisa é um tipo de comunicação entre um pesquisador que pretende colher informações sobre fenômenos e indivíduos que detenham essas informações e possam emití-las. (CHIZZOTTI, 2000, p. 57)

As entrevistas são indicadores que dão subsídios para a compreensão do processo de alfabetização. Ao planejar a entrevista o pesquisador precisa ter em mente, de forma clara, as informações de que necessita para atingir o objetivo da pesquisa.

Para realização das entrevistas, buscou-se tomar as cautelas necessárias para que os entrevistados se sentissem confortáveis, principalmente para se ter um clima de colaboração e de confiança, de forma a se obter como resultado o significado do fenômeno observado.

Para compreender como as professoras vivem as situações em sala de aula, foi apresentada de início, uma questão aberta, não-diretiva, para que as elas falassem à vontade sobre o assunto solicitado. Concluída esta etapa, foram apresentadas mais algumas perguntas para o melhor esclarecimento do objeto de pesquisa do trabalho.

As entrevistas foram gravadas, respeitando-se assim o vocabulário, o estilo das respostas, da fala e as eventuais contradições. As professoras entrevistadas não tinham tempo limitado para as respostas, pois era preciso relatar a experiência vivida pelas mesmas, por isso, buscou-se que não houvesse nenhuma interferência por parte da entrevistadora. Todas as entrevistas foram transcritas na íntegra e estão nos Anexos A e B deste trabalho. As falas originais constituíram um dos focos de análise do trabalho.

A análise das entrevistas foi acompanhada de alguns passos que serviram de suporte para melhor compreender a complexidade do que foi observado em sala de aula. Foi feita a leitura completa de todas as respostas para captar o sentido da descrição. Após identificar o significado das respostas, buscou-se sintetizá-las com o intuito de chegar à essência do fenômeno alfabetização.

A análise refere-se ao conteúdo de cada entrevista na forma como se desenvolveu e foi organizada por meio de momentos de reflexão, de forma a se desvendar o problema levantado e o objetivo proposto.

A escolha das docentes que fizeram parte da pesquisa ocorreu através dos contatos com as direções das escolas e com as próprias professoras que atuam em sala de aula. Tanto a direção como as professoras livremente se prontificaram a colaborar.

A entrevista possibilita ao pesquisador obter descrições feitas pelo sujeito a respeito do assunto, relatando o seu viver nas suas experiências.

[...] a entrevista é um encontro entre duas pessoas, a fim de que uma delas obtenha informação a respeito de determinado assunto, mediante uma conversação de natureza profissional. (LAKATOS, MARCONI, 1991, p. 195)

Foram entrevistadas quatro professoras da escola municipal, duas na faixa etária de 25 anos e as outras duas entre 35 e 55 anos. Já na escola particular, foi entrevistada a professora na faixa etária de 30 anos.

PROFESSORAS	ESCOLA MUNICIPAL	ESCOLA PARTICULAR	TOTAL
Número entrevistado	4	1	5
Idade Média (anos)	35	30	32,5
Magistério	1	1	2
Curso Superior	4	1	5
Especialização	1	0	1

Tabela 2 – Caracterização Geral dos professores entrevistados

O Gráfico 1 mostra a proporção das professoras entrevistadas da escola particular e da escola municipal.

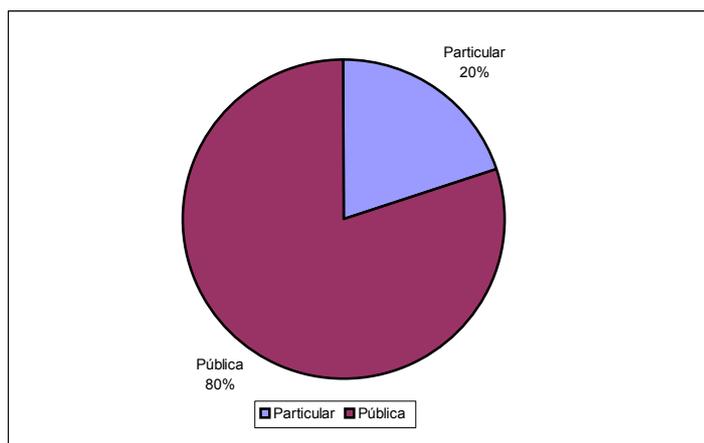


Gráfico 1 - Proporção das professoras entrevistadas

A tabela 3 a seguir apresenta um resumo das perguntas das entrevistas com as professoras e suas respectivas respostas.

	PERGUNTAS	Professor 1	Professor 2	Professor 3	Professor 4	Professor 5
1	Formação e tempo de formação	Pedagogia e especialização em psicopedagogia; 15 anos	Magistério e História; 3 anos	Magistério e Pedagogia; 25 anos	Pedagogia; 2 anos	Magistério e Letras; 10 anos
2	Metodologia em sala de aula	Misto – tradicional, construtivismo e GEEMPA	Misto – tradicional, construtivismo e GEEMPA	Eclético	Construtivismo	Tradicional e Construtivismo
3	Ligação entre metodologia e conteúdo	Atividades com música	A partir de uma história contada	A partir do texto aplicado	A partir de histórias e palavras chaves	De maneira interdisciplinar
4	Recursos/Material em sala de aula	Folha mimeografada; caderno de desenho e histórias	Vídeo, sulfite, quadro e rádio	Sucatas e embalagens	Massa de modelar, sulfite, cartolina	Materiais diversos, sempre disponível
5	Conhecimento do PPP da escola	Conhece e já trabalhou os conteúdos	Conhece algumas partes gerais	Conhece e ajudou a fazer	Já leu, mas considera uma utopia	Conhece, mas não lembra do conteúdo
6	Atividades extraclasse	Não realizou	Fez geladinho, gelatina, suspiro e sanduíche	Aulas no pátio da escola	Não houve por falta de recursos	Pouco frequente
7	Avaliações	Contínua e sem provas escritas	No início e no final do bimestre	Diárias	Diária	Prova e folha de atividades
8	Reforço estudantil	Existe uma vez por semana	Existe uma vez por semana	Existe uma vez por semana	Existe uma vez por semana	Existe em período contrário
9	Percepção do aprendizado dos alunos	Quando estão lendo e escrevendo	Quando estão lendo e escrevendo	Quando demonstram que aprenderam o som das letras	Quando o aluno está lendo	Quando estão lendo e escrevendo
10	Existência de elo entre família e escola	Difícil e apenas com uma minoria dos alunos	Muito relativo, pois pode ser prejudicial	Muito pouco	Não há muito	Muito grande
11	Maior problema enfrentado	Quando a criança é revoltada	Aluno de 9 anos cujo pais eram usuários de drogas	Aluno de 13 anos na primeira série	Crianças com desestrutura familiar	Gêmeas com problemas familiares que reprovaram
12	O que mais encanta na alfabetização	Quando a criança começa a ler	Quando descobrem a leitura rapidamente	Quando estão lendo	Evolução de cada criança	Ver todos lendo e escrevendo, principalmente os alunos que apresentaram dificuldades

Tabela 3 – Resumo das Entrevistas com os Professores

3.4.1 Entrevistas com professoras da Escola Pública Municipal

3.4.1.1 Professora 1

A professora 1 fez o curso de pedagogia, especialização em psicopedagogia e apresenta 15 anos de formação na área de educação.

Segundo a professora, com relação à metodologia adotada em sala de aula, ela diz:

Bom, eu uso o misto! Utilizo um pouco do tradicional, um pouco do GEEMPA, enfim um pouco de cada um. Os mais utilizados são o tradicional, o construtivista e o GEEMPA. (Prof. 1)

O GEEMPA é o Grupo de Estudos sobre a Educação, Metodologia de Pesquisa e Ação no Brasil, com sede em Porto Alegre (RS). Grossi (apud ITO, 2000, p. 50) define o GEEMPA como “um grupo de docentes e especialistas em educação que atua em zonas carentes do Rio Grande do Sul e de São Paulo, conseguindo que a maioria dos alunos supere dificuldades de aprendizagem e obtenha êxito no ensino sistematizado”.

A professora afirma que as crianças conseguem se adaptar com esta combinação de métodos. Para aplicação do conteúdo com a metodologia, a professora diz atuar muito com música, pois através desta ela consegue trabalhar as letras, as sílabas, frases, rimas, significado das palavras e ainda por cima as crianças acham muito divertido. Quando há possibilidade, são feitas atividades extraclasse; entretanto, a professora afirmou que neste ano não aconteceu nenhuma atividade complementar por motivo da greve dos professores municipais. Outra razão alegada foi a realidade apresentada pelos pais dos alunos, uma vez que eles não possuem condições financeiras para estarem assumindo o custo de uma atividade extraclasse.

Quanto aos recursos que a escola oferece, a professora coloca que são suficientes; entretanto, são solicitados às vezes para os pais papel sulfite, lápis, cola e borracha. Em sala de aula, a professora gosta de trabalhar com folha mimeografada, caderno de desenho e histórias para o desenvolvimento da parte oral

das crianças. A escola oferece reforço para os alunos que estão apresentando dificuldades no processo ensino-aprendizagem.

Referente ao PPP da escola, a professora afirma que já ministrou os conteúdos com as outras professoras da escola, através de reuniões do corpo docente. Nesses encontros há o planejamento das aulas semanais e são definidos quais os critérios a utilizar em sala de aula. As reuniões ocorrem duas vezes por semana para que também haja a troca de experiências entre as professoras.

No que diz respeito às avaliações, a professora afirma que são contínuas, feitas diariamente. Há também duas avaliações bimestrais, ambas compostas por ditado de palavras extraídas do livro das crianças. O ditado é utilizado para verificar em que fase da alfabetização a criança se encontra (pré-silábica, silábica alfabética, ou alfabética). Na primeira série do ensino fundamental não é atribuída nota de avaliação.

A professora comenta que é muito difícil o apoio dos pais na educação escolar das crianças, uma vez que a maioria não se importa e nem comparece às reuniões. Poucos são os pais interessados, segundo a professora.

Baltazar (2004, p. 154) afirma que a presença dos pais é significativa na formação da identidade dos filhos e que a família funcional possibilita melhor desenvolvimento de seus filhos, bem como, reflexos positivos na escola.

A professora não soube identificar o problema mais marcante na sua vida escolar como alfabetizadora. Entretanto, declarou que é muito difícil entender o ser humano, uma vez que é difícil compreender os motivos pelos quais uma criança apresenta tanta revolta. Entre os fatores que mais interferem no aprendizado das crianças pelo que a professora observa são: o abandono dos pais, a carência afetiva e dificuldade financeira.

Para a professora 1, o que mais a encanta na alfabetização é quando o aluno começa a ler e a escrever, pois o que é mais problemático na alfabetização, segundo ela, é a falta de incentivo e motivação dos pais para com os filhos. A professora percebe que a criança que é motivada, aprende a ler a escrever com mais facilidade. Existe também o aluno que tem medo de tentar e arriscar. A

professora finaliza sua resposta afirmando que “a valorização é muito importante para a criança. O elogio faz a diferença”.

3.4.1.2 Professora 2

A professora 2 fez o curso de Magistério, é graduada em História e tem três anos de formada.

Quanto ao método utilizado em sala de aula, a professora 2 diz:

É bem misturado, o GEEMPA com o tradicional e do construtivista, algumas coisas, na verdade, um pouquinho de cada um. (Prof. 2)

Quanto à sua metodologia em sala de aula, a professora 2 começa a aula com a introdução de uma história, fazendo a discussão com as crianças e construindo um texto coletivo. A partir disto, são organizadas atividades tradicionais, geempenianas e construtivistas.

Quanto aos recursos que a escola oferece, a professora coloca que consegue tudo o que necessita na própria escola, entretanto, quando não obtém alguma coisa, a professora realiza troca de material com a outra escola em que ela trabalha. Em sala de aula, a professora gosta de utilizar vídeo, rádio, quadro negro e papel sulfite.

Em relação às atividades extraclasse, a professora gosta de propor atividades diferentes com os seus alunos uma vez por mês, sempre buscando vincular ao conteúdo. Este ano, para ensinar a letra “G”, a professora fez “geladinho” e gelatina, já para ensinar a letra “S”, a professora fez sanduíche e levou suspiro. Os ingredientes utilizados a professora trouxe da própria casa e fez na escola.

Quanto ao PPP da escola, a professora afirmou sem aprofundar na resposta que:

Nós já fizemos muitos estudos sobre ele (PPP), eu conheço algumas partes gerais. (Prof. 2)

No que diz respeito às avaliações, a professora declara que estas são realizadas no início e no final de cada bimestre, com ditado de palavras e textos

extraídos dos livros usados em sala de aula para a verificação em qual nível a criança se encontra.

A professora 2 afirmou que a parceria entre pais e escola é muito relativa. Há situações em que os pais são totalmente ignorantes, agredindo os filhos, caso a professora faça alguma reclamação do comportamento ou do rendimento do aluno em sala de aula. Por isso, ela comenta que, na maioria das vezes, o professor tem que ter bom senso para verificar se expõe ou não os assuntos da escola aos pais dos alunos.

Outro assunto interessante citado pela professora 2 está na afirmação de que muitos alunos vão para a escola apenas para comer. A professora diz que isto nem sempre é verdade, pois na rua, a criança pode pedir dinheiro e comer o que quiser. Na escola, segundo a professora, a criança busca um pouco de carinho, atenção e amigos.

O problema mais marcante que a professora 2 disse ter encontrado em sala de aula foi com um aluno de 9 anos, que se encontrava ainda na primeira série e que diziam ser hiperativo, pois não parava na carteira e nem na sala de aula. A professora constatou que este aluno tinha dificuldades muito mais devido a sua situação familiar, principalmente porque os pais eram usuários de droga.

O que mais encanta a professora 2 na alfabetização é quando os alunos descobrem a leitura de forma rápida o que, segundo a professora, “é o máximo”.

3.4.1.3 Professora 3

A professora 3 fez o Curso de Pedagogia e tem 25 anos de experiência em sala de aula.

Na opinião da professora 3, “uma metodologia específica não tem”. Antes era adotada a teoria construtivista, atualmente, os métodos ficaram misturados, ou seja, “ecclético”, como a própria professora admitiu. No início do processo de alfabetização, a professora trabalhou primeiramente as letras do próprio nome do aluno, e a partir do nome, a alfabetização foi acontecendo.

A professora 3 gosta de trabalhar com diversos recursos para auxiliar a alfabetização.

Eu trabalho muito com embalagem, sucata em geral. Também com recortes de letrinhas de recortes de revistas e jornais, isto ajuda a facilitar o reconhecimento das letras em geral. Eu gosto também de pedir para que as crianças pintem no texto as letrinhas que eu peço ou, ainda palavras que eu quero chamar a atenção. É bom este tipo de atividade porque eles vão aprendendo o que é um texto, mesmo que ainda não saibam ler. (Prof. 3)

Quanto às atividades extraclasse, a professora 3 disse que gosta de levar as crianças para o pátio da escola para realizar o trabalho em um ambiente diferente. Fora da escola, a professora 3 disse fazer apenas os passeios programados pela direção da escola.

A professora 3 disse que avalia as crianças diariamente, considerando tudo o que a criança faz em sala de aula.

Quanto ao PPP da escola, a professora disse que já viu e inclusive ajudou a fazer, apontando tratar-se de um bom projeto. Segundo a professora 3, é um PPP bom.

O problema mais marcante para a professora 3 na sua vida escolar em relação à alfabetização ocorreu com um aluno de 13 anos vindo da zona rural do Estado do Piauí. Este aluno escrevia somente a letra “A” e demorou muito para entender o que a professora falava em sala de aula. A professora 3 decidiu fazer aulas de reforço com este aluno e, nestas aulas, percebeu que este aluno ficava vislumbrado com tudo que o cercava, pois era muito diferente de sua realidade anterior, por isso ficava perdido em sala de aula.

O que mais encanta a professora 3 na alfabetização é quando os alunos lêem e começam a falar com que letra começa cada palavrinha, ou seja, a fase de descoberta que cada aluno tem.

3.4.1.4 Professora 4

A professora 4 fez Curso de Pedagogia e tem 2 anos de formada.

Segundo a professora 4, a metodologia adotada em sala de aula é mais baseada na teoria do construtivismo. A mesma afirma que leva em

consideração as fases que a criança passa para realizar o processo de alfabetização. A professora 4 citou utilizar o “método da abelhinha”, de foco tradicional, para evitar que as crianças façam trocas como, por exemplo, a letra “F” pela letra “V”. Em relação ao construtivismo, a professora expôs que:

O construtivismo foi mal interpretado e nós professores ficamos totalmente perdidos. Na minha opinião, o aluno é um ser ativo que constrói hipóteses e não aquele que apenas memoriza. (Prof. 4)

A resposta da professora demonstra uma certa incoerência entre o que é realmente feito em sala de aula e o que foi declarado como resposta do método utilizado. O método da “abelhinha” faz com que a criança memorize o som com a letra, com o objetivo de evitar trocas na escrita. Este método entra em contradição com a proposta do construtivismo. A professora demonstra ter noção da proposta, mas diz utilizar técnicas que são perfeitamente enquadradas na escola tradicional.

Quanto aos recursos oferecidos pela escola, a professora 4 disse optar por historinhas ou palavras-chave. De acordo com a letra aprendida, a professora explora palavras com a letra aprendida, utilizando materiais concretos para auxiliar o aprendizado, por exemplo, o uso do sapato para ensinar a letra “S”. A professora 4 também gosta de utilizar materiais de baixo custo, tais como: massa de modelar, papel sulfite, cartolina em geral, etc.

Em relação ao PPP da escola, a professora 4 disse que já leu várias vezes por conta dos trabalhos que desenvolve. Ela afirmou que o PPP da escola é uma utopia, pois, segundo ela, cada professor pensa de um jeito e isto dificulta o entrosamento. Alguns fatores, como greve e relacionamento interpessoal dos professores, prejudicam a prática do PPP, de acordo com ela.

[...] já li várias vezes, até por conta de trabalho que a gente desenvolve. Mas, no entanto eu acho que o projeto é uma utopia. A nossa formação não nos possibilita um entrosamento tão bom para pensar melhor nesse projeto. Em um grupo de professores cada um pensa de um jeito. Então, ter uma unidade nessa diversidade é muito difícil, está sendo muito difícil. (Prof. 4)

A resposta da professora traz uma análise interessante de como é preciso a escola estar sintonizada para formular e revisar o seu PPP. Neste caso, são os próprios professores os principais obstáculos para que isto ocorra. Problemas de relacionamento pessoal acabam influenciando diretamente no trabalho

profissional da escola, prejudicando que o trabalho em equipe possa ser adotado na elaboração e revisão do PPP da escola.

O maior obstáculo enfrentado pela professora na alfabetização é quando a criança apresenta problemas extraclasse, como falta de roupa para sair de casa, pais alcoolizados que não deixam seus filhos irem para escola. Segundo a professora, a universidade só pensa na formação dos professores para trabalharem com os alunos “loirinhos de olhos azuis” e os alunos carentes são deixados em segundo plano. Para ela, isto precisa ser repensado.

O que mais encanta a professora 4 na alfabetização está na evolução de cada aluno, quando eles mesmos desenvolvem mecanismos para entender a escrita, evoluindo seu potencial de aprendizagem.

3.4.2 *Entrevista com professora da Escola Particular*

3.4.2.1 Professora 5

A professora 5 é formada em Magistério há 10 anos e em Letras há 6 anos.

A metodologia de ensino adotada em sala de aula, segundo a professora 5, é a tradicional mesclada com a construtivista, fazendo um paralelo entre ambas. A relação entre a metodologia e o conteúdo é feita de maneira interdisciplinar, utilizando os recursos em sala de aula. A maioria dos recursos utilizados em sala de aula a professora encontra na própria escola, porém, ela mesma chega a preparar algum material em casa.

As atividades extraclasse são mais difíceis de serem realizadas com a turma de primeira série, segundo a professora. Porém, há passeios no bosque e no quarteirão para o aprendizado de história e geografia e idas ao supermercado para o aprendizado do uso de moedas.

Quanto ao PPP da escola, a professora 5 disse que “para ser bem sincera eu li uma vez, mas se você me perguntar hoje...(não lembraria)”. Temos uma identidade interessante na escola particular. Pelo que é constatado na resposta da

professora 5, há um indicativo evidente de que o PPP da escola particular não é trabalhado com frequência com os professores.

A professora 5 disse que existe um elo muito grande entre a família e a escola, inclusive, que ela tem muito apoio dos pais dos alunos que apresentam mais problemas no aprendizado.

A maior dificuldade encontrada pela professora em relação à alfabetização ocorreu com duas irmãs gêmeas. Essas alunas apresentavam um problema muito sério em casa, a mãe apresentava um distúrbio grave. Naquele ano, as alunas tiveram que ser reprovadas, mas, no ano seguinte, como a professora havia acompanhado todo o problema das alunas, elas tiveram um melhor desempenho e, por isso, foram aprovadas. Segundo a professora, até hoje, quando a mesma encontra essas alunas na rua, elas demonstram agradecimento e dizem que a professora foi muito marcante na vida delas.

Emocionada, com lágrimas nos olhos, a professora disse que o mais a encanta na alfabetização é perceber, no final do ano letivo, que todas as suas alunas estão lendo, escrevendo e interpretando, principalmente aquelas que apresentavam mais dificuldades durante o ano letivo. Para ela, isto é muito evidente na primeira série e não tão evidente nas outras séries do ensino fundamental.

3.4.3 Análise das Entrevistas com as Professoras

Através das entrevistas com as professoras do ensino fundamental das duas escolas, foram constatados inúmeros dados pertinentes à pesquisa.

A primeira pergunta levantou o tipo e o tempo de formação das professoras. Todas as professoras possuem curso superior, três em Pedagogia, uma em História e outra em Letras. As professoras que não são formadas em Pedagogia tiveram formação em magistério, o que as habilitam ao ensino fundamental. Apenas uma professora possui curso de especialização, no caso, em Psicopedagogia, as demais não citaram nenhum outro tipo de formação de pós-graduação. Das professoras da escola municipal, metade possui experiência acima de 15 anos e a outra metade é recém formada, com no máximo três anos de formação. A professora da escola particular possui 10 anos de formação acadêmica.

A pergunta sobre a metodologia adotada em sala de aula teve praticamente a mesma resposta, o uso do método “misto” ou “ecclético”. Esta resposta indica que as professoras trabalham tanto com a pedagogia tradicional quanto com a teoria construtivista. Apenas uma professora respondeu que adota exclusivamente o método construtivista em sala de aula.

Quanto à ligação entre a metodologia em sala de aula e o conteúdo aplicado, de modo geral, as professoras utilizam aquilo que acham necessário, partindo da realidade de sua turma. Umas ensinam a partir de histórias, outras, a partir de músicas e outras, a partir de textos.

Quanto ao o conhecimento do PPP da escola, entre as cinco professoras entrevistadas, apenas uma afirmou ter ajudado a fazer o PPP de sua escola. Esta professora era da escola municipal. Isto mostra uma realidade comum, em que o PPP não é um documento vivo, discutido por todo o corpo docente da escola.

As outras quatro professoras que nunca participaram da elaboração ou revisão do PPP, demonstraram já terem visto o PPP da escola e afirmaram que já trabalharam pontos descritos no projeto. O que se pode perceber pelas entrevistas foi que todas as professoras, tanto da particular quanto da escola pública, conhecem o PPP, como um documento, mas não estão conscientes da importância, da sua função e da sua utilização no dia a dia da escola.

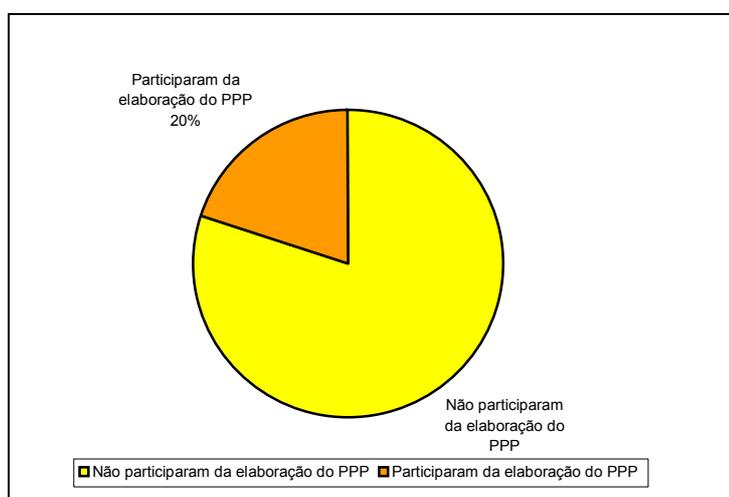


Gráfico 2 - Percentual de professores que atuaram na elaboração do PPP da escola

Outro fator relevante citado pelas professoras da escola municipal diz respeito às práticas pedagógicas em sala de aula. As quatro professoras citaram o construtivismo de Piaget e Vygostky como referência na alfabetização. Entretanto, nas entrevistas, percebi que todas apontaram que na prática utilizavam “um pouco de tudo”, inclusive o exercício da teoria do GEEMPA. As professoras da escola particular também citaram o uso do método misto em sala de aula, com práticas do construtivismo e da escola tradicional.

O GEEMPA foi citado porque as professoras da escola municipal tiveram um curso organizado pela prefeitura do município. Como o PPP da escola municipal nunca foi revisado, o nome GEEMPA não está citado no escopo do PPP.

Durante as entrevistas, percebi que a professora da escola particular se restringiu mais a responder às perguntas do que as professoras da escola pública. As professoras da escola pública ficaram mais à vontade para responder o questionamento. Aqui, concluí que existe um temor maior da professora da escola particular em comprometer o seu emprego, pois na escola particular não existe a estabilidade que há no ensino público através do concurso. Provavelmente, a professora da escola particular não queria se expor e nem expor a escola.

De um modo geral, todas as professoras responderam que a relação entre família e escola é muito importante e relevante na aprendizagem das crianças. Um dos argumentos citados foi que as crianças têm mais incentivos à aprendizagem quando os pais participam deste processo. Entretanto, uma professora da escola municipal trouxe um dado interessante. Ela afirma que é muito relativa a participação dos pais, pois alguns, na sua ignorância, acabam punindo seus filhos severamente quando o desempenho em sala de aula não está satisfatório. Por este motivo, nem sempre é interessante alertar os pais de que seus filhos estão tendo dificuldades na escola. Tudo isto a professora respondeu dentro do contexto social em que a instituição municipal está inserida, onde a comunidade é carente, com problemas de emprego, alcoolismo, drogas e pais analfabetos.

Quanto aos recursos utilizados em sala de aula, a professora da escola particular não vê problemas, pois a escola sempre oferece tudo o que é necessário. Já as professoras da escola municipal afirmaram que não existe material suficiente disponível e precisam inclusive trazer da própria casa, uma vez que não podem

solicitar que os alunos tragam, pois estes não apresentam condições financeiras conforme exposto anteriormente.

No que diz respeito às avaliações, as professoras da escola municipal afirmaram que são contínuas, sem registro de notas, onde a criança é avaliada diariamente através de atividades propostas pela professora. Informaram também que não há reprovação na primeira série, a não ser que a mãe, através de um documento, autorize a retenção de seu filho na primeira série.

Na escola particular, o processo de avaliação é diferenciado, pois há provas escritas bimestrais com o registro de notas e caso a criança não alcance a média de aprovação, ocorre então a reprovação da mesma. Existe o reforço escolar nas duas escolas. Os alunos que apresentam maiores dificuldades são encaminhados uma vez por semana para as aulas de reforço em período oposto.

Em geral, as professoras, tanto da escola particular quanto da municipal, apontaram que o maior problema enfrentado por elas como alfabetizadoras está na dificuldade de ensinar quando as crianças apresentam distúrbios familiares e trazem isto para a escola.

A última pergunta da entrevista indagava o que mais encantava as professoras na alfabetização. Todas as professoras responderam, de uma maneira geral, que a fase da descoberta e da evolução que cada aluno apresenta é o fator mais gratificante. No consenso, as professoras afirmaram que, no final do ano, quando a criança está sabendo ler e escrever, isto é o que realiza o professor.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho de pesquisa foi realizado durante o ano de 2005, entre os meses de março a dezembro. Durante este período, foram observadas duas salas em duas escolas do ensino fundamental, uma escola pública municipal de periferia e outra escola particular do centro, ambas na mesma cidade. Estas observações somente foram possíveis com a permissão da direção e professoras das escolas.

Quanto à observação em sala, houve pontos positivos e negativos. A observação em sala de aula nem sempre é vista com bons olhos, tanto pela escola, quanto pelo professor regente. Percebe-se que existe uma preocupação por parte dos regentes de turma em relação às possíveis críticas que possam ser feitas.

Por parte das crianças, há uma grande receptividade pelo diferente em sala de aula. No caso desta pesquisa, minha presença como agente observador foi algo diferente dentro da escola. Sempre obtive muito carinho e atenção por parte das crianças nas duas escolas observadas.

As entrevistas com as professoras, num primeiro momento, foram vistas com resistência por parte das mesmas. Algumas professoras não se sentiam à vontade sabendo que a entrevista seria gravada. Neste momento é fundamental deixar bem claro a questão ética envolvendo a entrevista, pois em nenhum momento os nomes das escolas, dos professores e dos alunos seriam divulgados. A partir deste esclarecimento, as professoras ficaram um pouco mais relaxadas para a realização da entrevista.

4.1 Correlação entre teoria e prática

Existe o Projeto Político Pedagógico nas escolas. Os professores da escola pública têm mais acesso ao PPP do que os professores da escola particular, inclusive com a participação ativa na elaboração deste documento. Podemos perceber que alguns professores da escola pública participaram do processo de elaboração do PPP da escola. Entretanto, não há uma continuidade no trabalho que o PPP necessita.

Já em sala de aula, a teoria contida no projeto ainda não é a prática, pois existe uma defasagem do conhecimento das teorias e metodologias que dão embasamento à alfabetização. Percebe-se que a maioria dos professores ainda adota um ecletismo, muitas vezes devido à grande autonomia que o professor possui em sala, sem supervisão e cobrança.

4.2 O problema enunciado: O método de alfabetização das instituições de ensino fundamental possibilita um processo de construção do conhecimento?

A questão formulada como problema tem como resposta inicial que o método somente possibilita a construção do conhecimento se o professor tiver entendimento e compromisso com a metodologia proposta pelo PPP da escola.

Um dos fatos importantes foi detectar que, além da falta de conhecimento por parte dos professores, existe ausência de comprometimento com o trabalho de alfabetização. Isto é mais evidente na escola pública, pois não há grandes cobranças por parte da direção e dos pais. Já na escola particular observada, apesar da restrição do acesso do PPP ao professor, o mesmo conhece a filosofia e a metodologia que a escola adota. Por isso, a cobrança da direção é maior e o comprometimento do professor também se faz necessário.

4.3 Considerações sobre as Hipóteses do trabalho

4.3.1 O PPP atende às necessidades da escola, do professor e do aluno

Esta hipótese, quando verificada nas escolas, apresenta um resultado distinto para a escola particular e para a escola pública. Primeiro porque o PPP da escola particular é muito bem estruturado e deixa bem claro qual é a filosofia e o ideal de educação que a escola busca. Neste sentido, mesmo constatado que o professor não tem o acesso direto ao PPP da escola, o próprio professor tem consciência e entendimento de como a escola funciona e qual é a sua forma de pensar. Tomando como base este pressuposto, o PPP da escola particular atende a

necessidade da escola no que diz respeito a seu posicionamento teórico-filosófico. Entretanto, atende parcialmente as necessidades do professor, principalmente porque a escola restringe o acesso do PPP ao docente.

Na escola pública, existe um problema sério de estruturação do PPP. Não há fundamentação teórica adequada, os objetivos da escola foram definidos superficialmente, assim como sua filosofia. Apesar disto, o professor tem acesso ao PPP, o que exprime uma grande contradição. Isto porque o professor é um dos grandes agentes na elaboração do PPP da escola, desta forma, se não há uma reelaboração do PPP, não há o comprometimento do professor. Isto se deve, talvez, principalmente pelo que foi relatado por uma das professoras entrevistadas, que disse que problemas pessoais entre professores afetam o trabalho em equipe e, trabalho em grupo é requisito básico e fundamental para a elaboração do PPP.

4.3.2 O professor conhece o PPP de sua escola

Esta hipótese levantada tem como conclusão que o professor não conhece o PPP da escola como deveria. O PPP exige um estudo reflexivo sobre o contexto da escola como um todo, que envolve não só a escola, mas também a comunidade em que a instituição está inserida. O PPP exige uma atuação constante, freqüente, de tal forma que o documento cresça e evolua e, para isto, exige a participação e comprometimento do professor. Durante as entrevistas e a observação realizada, nenhum professor demonstrou o conhecimento profundo do que é verdadeiramente o PPP e o que ele exige. Das professoras entrevistadas, nenhuma disse desconhecer o PPP. Todas sabem que o PPP existe, mas nunca foram cobradas para vincular projeto e atividades pedagógicas.

4.3.3 O método de alfabetização é compatível com os pressupostos teóricos do Projeto Político Pedagógico

Na escola particular esta hipótese é evidente, primeiramente pelo fato da excelente estruturação e fundamentação metodológica que o PPP apresenta. Em segundo lugar porque o professor sabe como a escola pensa e adota o mesmo tipo de postura de pensamento em sala de aula. Neste sentido, a educação proposta

pela escola está coerente com a metodologia observada em sala de aula. É claro que mesmo o professor citando um ecletismo metodológico, esta combinação acaba não existindo na escola particular. A metodologia adotada em sala de aula fica totalmente fundamentada na escola tradicional.

Na escola pública, já existe o problema da falta de fundamentação do PPP. Entretanto, mesmo sendo a metodologia de ensino citada de forma superficial, fica clara a opção da escola pelo construtivismo de Piaget e Vygostky. Já na prática, o que foi observado em sala de aula mostra que acaba havendo um ecletismo de teorias, não se restringindo apenas ao construtivismo de Piaget e Vygostky, mas também a outras bases de ação metodológicas, como é o caso do GEEMPA.

4.3.4 Considerações sobre os objetivos da pesquisa

Quanto aos Objetivos definidos no início da pesquisa, os mesmos foram alcançados de forma satisfatória e integralmente no decorrer da pesquisa. O conhecimento dos PPPs das escolas, o aprofundamento nas teorias e métodos de ensino e o confronto entre o que é dado em sala de aula com o que é proposto no PPP de cada escola, todos estes pontos foram fundamentais para a realização desta pesquisa.

4.3.5 Outras Considerações

Este estudo foi muito importante na minha formação como professora do ensino fundamental, visto que possibilitou meu aprofundamento teórico das práticas pedagógicas utilizadas na alfabetização.

A oportunidade de vivenciar um estudo sobre teoria e prática na rotina de cada escola permitiu para mim um crescimento significativo como professora alfabetizadora, principalmente porque deixei o contexto de ser agente da alfabetização, para ser uma observadora deste processo. Foi muito rico poder realizar este estudo em duas escolas tão distintas, tanto na sua estrutura e localização, quanto no seu contexto social e cultural, mas ambas com o mesmo objetivo, o de alfabetizar seus alunos na primeira série do ensino fundamental.

Uma grande questão levantada durante este estudo está no fato da ausência de comprometimento com o PPP da escola, pois, além de ser uma exigência de leis governamentais, é um instrumento para o amadurecimento da escola como um todo. Por isso, cabe à escola, representada por sua direção pedagógica, por seus professores, por pais e alunos, criarem o comprometimento que o PPP exige. Isto só pode ser alcançado, primeiramente, a partir do conhecimento do significado e da importância do PPP, em segundo lugar, através da divulgação do processo que o PPP exige e, por último, mas não menos importante, através do comprometimento de todos com a escola, ou seja, com a educação de nossos filhos.

O trabalho desenvolvido é rico em conteúdo e temática, principalmente dada a grande importância que este tema tem tido ultimamente. Existe a intenção não somente da publicação deste trabalho em eventos científicos da área da educação, mas também a possibilidade de novas propostas de projetos de pesquisa para este tema, entre eles podemos destacar a relação entre formação de professores e prática em sala de aula, a motivação escolar para a prática do PPP, o PPP nas escolas particulares e públicas e seu processo de implementação, o PPP refletido pelo contexto social e cultural onde a escola está inserida e como isto interfere no aprendizado dos alunos, enfim, são inúmeros os temas que podem ser abordados e estudados.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVES, Rubem. **Da esperança**. Campinas: Papirus, 1987.
- ANDRÉ, Marli Eliza D. A. de. **Etnografia da prática escolar**. Campinas: Papirus, 1995.
- ARCE, Alessandra. **Sobre o Construtivismo**: Polêmicas do Nosso tempo. In: DUARTE, Newton (org), Editora Autores Associados, 2000.
- BALTAZAR, José Antonio. **As disfunções familiares e suas repercussões no desenvolvimento escolar de crianças e adolescentes**. 2004. 167f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do Oeste Paulista, Presidente Prudente, SP.
- BARRETO, Vera. **Paulo Freire para educadores**. 6.ed. São Paulo: Arte e Ciência, 2004.
- BECKER, Fernando. **Pensando a Construção do Conhecimento**. In: MORAES, Vera Regina Pires (org). *Melhoria do Ensino e Capacitação Docente*. p.30-35. Porto Alegre, Ed. Da Universidade, 1996.
- BERTAN, Levino. **Aspectos da trajetória do ideal de liberdade na educação brasileira 1930-1990**. 1994. 121f. Dissertação (Doutorado em Filosofia e História da Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP.
- CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetizando sem o Bá-Bá-Bi-Bô-Bu**. São Paulo: Sciponi, 1998.
- _____. **Alfabetização & Lingüística**. São Paulo: Scipione, 1989.
- CARVALHO, Marlene. **Alfabetizar e letrar**: um diálogo entre a teoria e a prática. Petrópolis: Vozes, 2005.
- CASTORINA, José Antonio; FERREIRO, Emilia et al. **Piaget Vygotsky**: novas contribuições para o debate. São Paulo: Ática, 2005
- CHARLOT, Bernard. **A mistificação pedagógica**: realidades sociais e processos ideológicos na teoria da educação. 2.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1983.
- CHIAROTTINO, Zélia Ramozzi. **Em busca do sentido da obra de Jean Piaget**. 2.ed. São Paulo: Ática, 1994.
- CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. 4.ed. São Paulo: Cortez, 2000.
- CÓCCO, Maria Fernandes; HAILER, Marco Antônio. **Didática de Alfabetização**: decifrando o mundo: alfabetização e socioconstrutivismo. São Paulo: FTD, 1996.
- CORTELLA, Mario Sergio. **A Escola e o Conhecimento**: fundamentos epistemológicos e políticos. 3.ed. São Paulo: Cortez, 2000.
- COULON, Alain. **Etnometodologia e educação**. Petrópolis: Vozes, 1995.

- CURTO, Luís Maruny et al. **Escrever e Ler: como as crianças aprendem e como o professor pode ensiná-las a escrever e a ler.** vol 1. Porto Alegre: Artmed, 2000.
- DAVIS, Claudia; OLIVEIRA, Zilma de. **Psicologia na educação.** Editora Cortez. São Paulo.1990.
- DEHEINZELIN, Monique. **Trilha: Educação, Construtivismo.** Petrópolis: Vozes, 1996.
- DELVAL, Juan. **Aprender na vida e aprender na escola.** Porto Alegre: Artmed, 2001.
- DOROTÊIA, Irmã Maria. **O Sistema pedagógico de Schoenstatt.** Atibaia, 1984. (material datilografado)
- DUARTE, Newton (org.). **Sobre o Construtivismo: polêmicas do nosso tempo.** Campinas: Autores Associados, 2000.
- ESCALONA, Sara Lopes. **Humanização tarefa de todos.** São Paulo: Paulinas, 1983.
- EZEPELETA, Justa; ROCKWELL, Elsie. **Pesquisa Participante.** São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1986.
- FERREIRO, Emília. **Reflexões sobre alfabetização.** 15.ed. São Paulo: Cortez. Autores Associados, 1990.
- _____. **Com todas as letras.** 10.ed. São Paulo: Cortez, 2001.
- GOULART, Íris Barbosa. **Piaget: experiências básicas para utilização pelo professor.** 14.ed. Petrópolis: Vozes, 1983.
- _____. (org.). **A Educação na perspectiva construtivista: reflexões de uma equipe interdisciplinar.** Petrópolis: Vozes, 1995.
- GROSSI, Esther Pilar; BORDIN, Jussara (org.). **Construtivismo Pós-Piagetinano: um novo paradigma sobre aprendizagem.** 6.ed. Petrópolis: Vozes, 1993.
- GROSSI, Esther Pilar. **Didática da Alfabetização: Didática do Nível Pré-Silábico.** 3.ed. v.1. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.
- _____. **Didática da Alfabetização: Didática do Nível Silábico.** 2.ed. v.2. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.
- _____. **Didática da Alfabetização: Didática do Nível Alfabético.** 5.ed. v.3. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.
- JAYER, Ludovico. **A felicidade ao alcance de todos.** Petrópolis: Vozes, 1993.
- JESUS, Neves de. **Influência do professor sobre o aluno: relação pedagógica, gestão da disciplina, motivação dos alunos.** Brasília: Ministério da Educação, Edições Asa, 1996.
- KRAMER, Sonia (org.). **Profissionais de educação infantil: gestão e formação.** São Paulo: Ática, 2005.
- KENTENICH, José. **Linhas fundamentais de uma pedagogia moderna para o educador católico.** Santa Maria: Pallotti, 1983.

_____. **Linhas fundamentais de uma pedagogia moderna para o educador católico**: conferência do curso pedagógico - 1950. Santa Maria: Pallotti, 1984.

LARA, Tiago Adão. **Caminhos da razão no ocidente**: a filosofia ocidental do renascimento aos nossos dias. 3.ed. Petrópolis: Vozes, 1986.

LAWAND, Dionéia. **Colégio Mãe de Deus**: aspectos históricos, filosóficos e pedagógicos da educação. 2002. 165p. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Estadual de Londrina, Londrina, PR.

LIBÂNIO, J. B.; CELES, Luiz Augusto Monnerat. **Formação da consciência crítica**: subsídios psicopedagógicos. 3.ed. Petrópolis: Vozes, 1982.

LIMA, Lauro de Oliveira. **Piaget para principiantes**. 5.ed. São Paulo: Summus, 1980.

LIMA, Maria Aparecida. **O Projeto Político Pedagógico na percepção dos profissionais que atuam na escola**. In: VI Encontro de Pesquisa e Educação da Região Sudeste, 2004, Rio de Janeiro. Anais... Rio de Janeiro: Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2004. p. 187.

_____. **Piaget**: sugestões aos educadores. Petrópolis: Vozes, 1998.

MACEDO, L. **O Construtivismo e sua função educacional**. Revista Educação e Realidade. v.18, n.1, p. 25-31, jan-jun, 1993.

MARCONDES, Martha Ap. Santana. **Aspectos Filosóficos que fundamentam o Construtivismo Piagetiano em Educação**. 1998. 147f. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Estadual de Londrina, Londrina, PR.

MATUÍ, Jean. **Construtivismo**: teoria construtivista sócio-histórica aplicada ao ensino. São Paulo: Moderna, 1996.

MINAYO, Maria Cecília (org.). **Pesquisa Social**: teoria, método e criatividade. 7.ed. Petrópolis: Vozes, 1994.

MOLL, Jaqueline. **Alfabetização Possível**: reinventando o ensinar e o aprender. Porto Alegre: Mediação, 1996.

MONTEIRO, Mara M. **Leitura e escrita**: uma análise dos problemas de aprendizagem. Petrópolis: Vozes, 2004.

MORAIS, Regis de. **Estudo de filosofia da cultura**. São Paulo: Loyola, 1992.

_____. **O que é ensinar**. São Paulo: E.P.U., 1986.

MORETTO, Vasco Pedro. **Construtivismo**: a produção do conhecimento em aula. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

NASPOLINI, Ana Tereza. **Didática de português**: tijolo por tijolo. São Paulo: F.T.D., 1996.

NOGARO, Arnaldo. Reflexões sobre pressupostos que norteiam o projeto político pedagógico da escola. **Perspectiva**. Erechin, RS, vol.19, n.67, p.67-74, set. 1995.

NOGARO, Pedro Dalle. **Humanismo e anti-humanismo**. 6.ed. Petrópolis: Vozes, 1981.

OLIVEIRA, Marta Kohl de. **Vygotsky**: aprendizado e desenvolvimento: um processo sócio-histórico. São Paulo: Scipione, 1993.

PARRAT, Silvia; TRYPHON, Anastásia. **Jean Piaget**: sobre pedagogia: textos inéditos. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1998.

PÉREZ, Carmen Lúcia Vidal. **Professoras alfabetizadoras**: histórias plurais, práticas singulares. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

PÉREZ, Francisco Carvajal; GARCÍA, Joaquín Ramos (org.). **Ensinar ou aprender a ler e a escrever?** Porto Alegre: Artmed, 2001.

PERRENOUD, Philippe. **Novas Competências para ensinar**. Porto Alegre: Artmed, 2000.

PIAGET, Jean. **Para onde vai a educação?** 6.ed. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1978.

_____. **Psicologia e epistemologia**. 5.ed. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1991.

PONTES, J. Camelo. **Sobre caminhos...**: novo caminho para a educação. São Paulo: Madras, 1999.

PROJETO político pedagógico escola municipal TCB, 2002, 37f.

PROJETO político pedagógico escola particular CMD, vol. I, 2001, 439f.

PROJETO político pedagógico escola particular CMD, vol. II, 2001, 469f.

REALE, Miguel. Variações sobre cultura. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, 27 dez. 1997, p.2.

REGO, Teresa Cristina. **Vygotsky**: uma perspectiva histórico-cultural da educação. 3.ed. Petrópolis: Vozes, 1995.

ROCHA, Ana Luiza C da. **Alfabetização em três meses de jovens e adultos - Piauí 2003**.

RODRIGO, Maria José; ARNAY, José (org.). **A construção do conhecimento escolar 1**: Conhecimento cotidiano, escolar e científico: representação e mudança. São Paulo: Ática, 1998.

_____. **A construção do conhecimento escolar 2**: Domínios do conhecimento, prática educativa e formação de professores. São Paulo: Ática, 1998.

ROHDEN, Huberto. **Novos rumos para a educação**. 4.ed. São Paulo: Martin Claret, 1997.

SACRISTAN, J. G.; GOMES, J. P. **Compreender e transformar o ensino**. 4.ed. Porto Alegre: Artmed, 1998.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Filosofia da Educação**: construindo a cidadania. São Paulo. F.T.D., 1994.

SMOLKA, Ana Luiza B. **A criança na fase inicial da escrita**: a alfabetização como processo discursivo. 10.ed. São Paulo: Cortez, 2001.

STRADA, Padre Angel; PONTES, Padre José. **Proposta pedagógica**. 2.ed. São Paulo: Companhia Ilimitada, 1998.

TORETE, Rossana M. Cozeto. **O Diretor de Escola como mediador entre a Família e a Escola**. 2005. 109f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do Oeste Paulista, Presidente Prudente, SP.

APÊNDICES

Apêndice A – Carta de Solicitação à Direção das Escolas**SOLICITAÇÃO DE AUTORIZAÇÃO À
DIREÇÃO ESCOLAR PARA REALIZAÇÃO DA PESQUISA**

Senhora Diretora

Meu nome é Andréa Henrique Franco, acadêmica do Curso de Pós-Graduação, do Programa de Mestrado em Educação da UNOESTE – Universidade do Oeste Paulista, regularmente matriculada neste ano letivo de 2005.

Temos interesse em pesquisar sobre a alfabetização e suas metodologias juntamente com o Projeto Político Pedagógico da escola.

A pesquisa será composta por observações em sala de aula e por entrevistas realizadas com os professores de 1ª série do ensino fundamental. As observações serão realizadas com a minha presença em sala de aula e as entrevistas serão sobre alfabetização e serão gravadas durante a realização com cada professor, não sendo identificado cada um deles.

Solicito autorização de Vossa Senhoria para desenvolver este trabalho de pesquisa nesta instituição de ensino. Ao final do trabalho, encaminharemos uma cópia para apreciação de Vossa Senhoria.

No aguardo da vossa atenção, votos de estima e consideração.

Atenciosamente,

Andréa Henrique Franco

Ilma Sra
Diretora da Escola

Assinatura: _____

Local/Data: _____

Apêndice B – Carta de Solicitação às Professoras das Escolas**SOLICITAÇÃO DE AUTORIZAÇÃO À
PROFESSORA DA ESCOLA PARA REALIZAÇÃO DA PESQUISA**

Prezado Professor,

Meu nome é Andréa Henrique Franco, sou Pedagoga/Psicopedagoga e professora do ensino fundamental. Atualmente estou cursando Mestrado em Educação na UNOESTE - Universidade do Oeste Paulista.

Tenho interesse em desenvolver uma pesquisa sobre alfabetização e por isso necessito da colaboração dos professores desta escola. A pesquisa envolve uma entrevista com questões sobre alfabetização, e tem por objetivo conhecer a visão que o professor tem sobre este assunto junto a seus alunos.

Para desenvolver esta pesquisa, preciso da autorização do presente professor para a realização da entrevista. A entrevista fará parte da minha dissertação de Mestrado na UNOESTE - Universidade do Oeste Paulista, da cidade de Presidente Prudente (SP). Gostaria de salientar, que não serão citados nomes na entrevistas e no trabalho escrito da dissertação.

Desde já agradeço a vossa contribuição para o presente trabalho de pesquisa.

Atenciosamente,

Prof^a Andréa Henrique Franco

Autorização: - Declaro ter conhecimento dos procedimentos que serão realizados.

Nome: _____

Assinatura: _____

Local/Data: _____

Apêndice C – Roteiro de Entrevista com as Professoras

Pergunta 01 – Qual a sua formação e há quanto tempo está formada?

Pergunta 02 – Qual a metodologia que você utiliza em sala de aula?

Pergunta 03 – Como você faz a ligação entre a metodologia e o conteúdo?

Pergunta 04 – Que tipo de recursos você utiliza em sala de aula? A escola fornece estes recursos?

Pergunta 05 – Você tem conhecimento do Projeto Político Pedagógico da escola?

Pergunta 06 – Você desenvolve atividades extraclasse? Quais? Com que frequência?

Pergunta 07 – Como são feitas as avaliações? Qual é a frequência?

Pergunta 08 – A escola oferece reforço? Qual é a frequência?

Pergunta 09 – Como você percebe que as crianças estão aprendendo? Em que período elas já estão alfabetizadas?

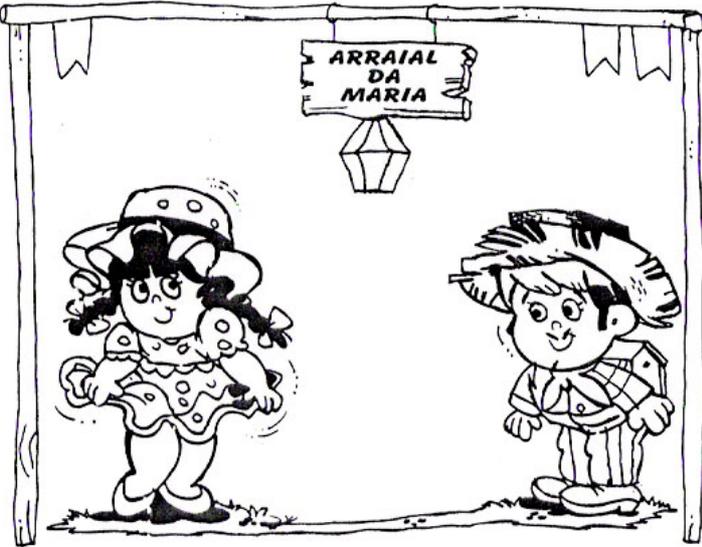
Pergunta 10 – Existe um elo entre família e escola?

Pergunta 11 – Qual é o maior problema que você enfrentou em sala de alfabetização?

Pergunta 12 – O que mais te encanta na alfabetização?

Apêndice D – Atividade em sala de aula do primeiro semestre

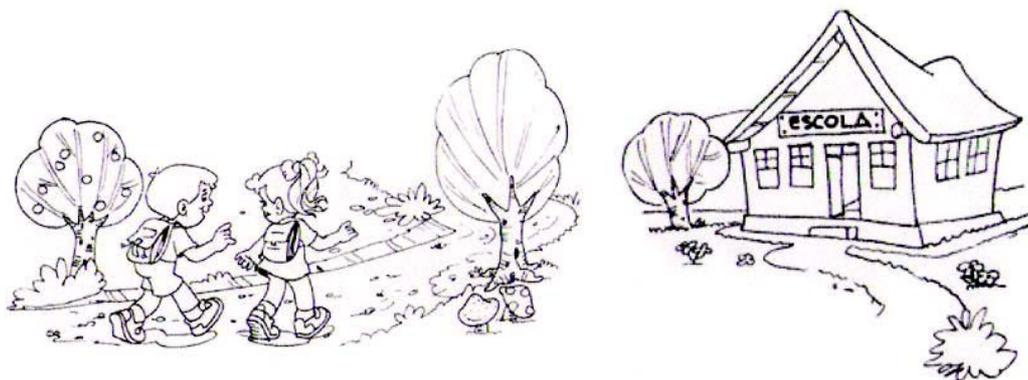
FESTA JUNINA



ESCREVA UMA FRASE SOBRE O DESENHO:

Apêndice E – Atividade em sala de aula do segundo semestre

Minha Escola



ANEXOS

Anexo A – Transcrição das Entrevistas com as Professoras da Escola Municipal

Escola Municipal – Professora 1

A – Quantos anos você tem de formação?

PROF1 – Quinze anos.

A – Qual o curso superior que você fez?

PROF1 – Pedagogia e agora estou fazendo especialização em psicopedagogia.

A – Professora, qual é a metodologia que você utiliza em sala de aula?

PROF1 – Bom, eu uso o misto! Utilizo um pouco do tradicional, um pouco do GEMPA, enfim um pouco de cada um. Os mais utilizados são o tradicional, o construtivista e o GEMPA. Aqui a maioria dos colegas usam o GEMPA.

A – O método GEMPA é pela prefeitura?

PROF1 – Sim, é uma metodologia que foi trazida por uma professora de fora pra trabalhar com os professores da rede municipal. Só foi trabalhado com os professores da primeira série. Eu não tive a oportunidade de fazer o curso, pois é a primeira vez que eu trabalho com primeira série, tenho experiência somente com outras séries.

A – Você percebe se as crianças conseguem se adaptar com um pouquinho de cada método?

PROF1 – Sim.

A – Como você faz a ligação entre conteúdo e metodologia?

PROF1 – Eu gosto muito de trabalhar com música, através dela, podemos trabalhar as letras, as sílabas, frases, rimas, significado das palavras e além de ser muito divertido.

A – Quais os recursos que você utiliza em sala de aula?

PROF1 – Folha mimeografada, cadernos e caderno de desenho, o qual trabalho muito desenho com a música. Trabalho com histórias para desenvolver a parte oral das crianças.

A – Quando você precisa de matérias, a escola fornece ou se pede para os alunos?

PROF1 – A escola fornece bastante material. Pedimos, às vezes, sulfite, lápis, cola e borracha para ajudar um pouco.

A – Você conhece o projeto político pedagógico da escola?

PROF1 – já trabalhamos em cima do conteúdo com as professoras, tanto se reunindo em hora atividade para ver como é que nos vamos planejar as aulas da semana e quais critérios utilizar. Nós nos reunimos sempre duas vezes por semana, para também fazermos troca de experiência.

A – Professora, você faz atividades extraclasse?

PROF1 – Esse ano não fizemos nenhum passeio, devido à greve, o calendário ficou atrapalhado. Outro problema é com a realidade das crianças, eles não tem condições de pagar. Agora, se conseguimos o ônibus, aí fica mais fácil. Aqui, na nossa escola, o que mais pesa é a realidade das crianças. Elas têm uma situação financeira bem precária.

A – Como são feitas as avaliações?

PROF1 – A avaliação contínua é feita diariamente e tem uma avaliação onde ditamos varias palavras para verificar se a criança está pré-silábica, silábica alfabética ou alfabética. Essa avaliação é bimestral, duas por bimestre.

A – Na primeira série não é atribuído nota?

PROF1 – Não, somente a partir da terceira e quarta série. Quando a criança tem mais dificuldade, está mais fraca, nos fazemos até mais que duas avaliações por bimestre.

A – Como você avalia no termino do primeiro semestre ou no final do ano se as crianças estão ou não aprendendo?

PROF1 – Quando eu assumi a sala, teve um grande avanço, mas nem todos tiveram sucesso, devido a algumas dificuldades. Um dos fatores é o número de faltas, a escola às vezes precisa até estar buscando esses alunos.

A – Aqui, existe um elo entre família-escola?

PROF1 – É muito difícil, pois a maioria dos pais não se importam como os filhos estão na escola, não comparecem em reuniões. Isto prejudica até na aprendizagem dos alunos, pois não tem uma assessoria em casa. Agora, existem alguns pais interessados, é claro, uma minoria, que auxiliam os filhos, facilitando um pouco mais a aprendizagem.

A – Professora, você já enfrentou um problema que marcou a sua vida com relação à alfabetização?

PROF1 – Tem sempre os que marcam mais. É muito difícil entender o ser humano, imagine uma criança que traz de casa muita revolta e na maioria das vezes não sabemos os motivos, pois nem todas as crianças dão abertura.

A – Quais os fatores que você acha que mais afetam as crianças?

PROF1 – O abandono dos pais, aquele pai que abandona a mãe e está tem que dividir o tempo com os filhos e o trabalho, carência afetiva e financeira é precária. A carência afetiva é mais abalada, tem crianças que abraçam, beijam, querem colo, e outras nem se deixam serem tocadas, são muito resistente.

A – A escola oferece reforço?

PROF1 – Sim, temos a auxiliar que dá o reforço e temos o contraturno, que não está funcionando no momento porque a professora está em licença.

A – Quais as crianças que você manda para o reforço?

PROF1 – Nem todas que precisam, pois a sala é pequena. Divido por etapas. Tenho vinte e oito alunos, os quais estão caminhando e nem todos estarão alfabetizados, somente seis ou sete estão lendo e se viram sozinhos.

A – Não há reprovação da primeira para a segunda série?

PROF1 – Não, somente da segunda em diante.

A – Então, esses alunos que estão com você, eles passaram para a segunda série automaticamente?

PROF1 – Sim. Agora, se a mãe se comprometer e assinar um documento e quiser que o filho permaneça na primeira série, aí pode. O importante é a mãe estar consciente que o filho está fraco.

A – O que é mais problemático na alfabetização?

PROF1 – É o incentivo, a motivação dos pais para com os filhos. Percebo que a criança que é motivada ela aprende a ler e a escrever com mais facilidade. Existe também a criança que tem medo até de tentar, de arriscar. A valorização é muito importante para a criança. O elogio faz a diferença.

Escola Municipal – Professora 2

A – Professora, quantos anos você tem de formação?

PROF2 – Três anos.

A – Qual curso você fez?

PROF2 – Eu fiz magistério e a faculdade de história.

A – Quanto tempo você trabalha nessa escola?

PROF2 – Há dois anos.

A – Qual a metodologia que você utiliza em sala de aula?

PROF2 – É bem misturado, o GEMPA com o tradicional e do construtivista, algumas coisas, na verdade, um pouquinho de cada um.

A – Como você faz a ligação do conteúdo com a metodologia?

PROF2 – Eu sempre trabalho a partir de uma história. Eu conto a historinha, fazemos à discussão, representamos e às vezes, construímos um texto coletivo. A partir disso, montamos atividades tradicionais, Gempianas ou construtivistas.

Eu gosto muito de trabalhar a oralidade com as crianças, desenvolvendo a produção escrita.

A – Quais os recursos que você utiliza em sala de aula?

PROF2 – Eu utilizo vídeo, sulfite, quadro e também o rádio.

A – A escola fornece os materiais que você precisa?

PROF2 – Tudo eu consigo via escola. Se não consigo aqui, faço troca com outra escola que trabalho (Caíque).

A – Você conhece o projeto político pedagógico?

PROF2 – Nós já fizemos muitos estudos sobre ele, eu conheço algumas partes gerais.

A – Você aplica atividades extraclasse?

PROF2 – Eu gosto de fazer coisas diferentes, esse ano fizemos geladinho, gelatina, sanduíche, suspiro, sempre vinculando ao conteúdo.

A – Com que frequência acontece essas atividades?

PROF2 – Uma vez por mês. Trago as coisas de casa e fazemos aqui na escola.

A – Como você avalia seus alunos?

PROF2 – As avaliações são feitas no início do bimestre e no final.

A – No final do primeiro semestre, você consegue perceber se tem criança alfabetizada?

PROF2 – Não, esse ano eu peguei uma turma atípica, que não tinham pressa, mesmo os alunos que vieram do pré, eu sinto que eles foram privados de certas coisas (contato com as letras), não que a pré-escola tenha obrigação de alfabetizar,

mas o nome, pelo menos, a criança tem que sair escrevendo. Tinha criança que entrou na fase da rabiscação e hoje estão pré-silábicos no meio do ano, isso é lucro.

A – Existe um elo entre família e escola?

PROF2 – Essa parceria é muito relativa, às vezes, vem mais a atrapalhar, acaba sendo prejudicial à criança. Tem famílias que são ignorantes, você comenta como o filho está e no outro dia a criança vem machucada para a escola. Então, na maioria das vezes, o professor tem que ter bom senso. Depende muito da realidade da escola e de cada família. Tem mães que vem conversar e outras nem aparecem na escola.

Na minha opinião, eu penso que essas coisas não acontecem só aqui, mas também com pessoas de nível social mais elevado, só que é camuflado.

A – Professora, você tem criança que vem para a escola só para comer?

PROF2 – Tem sim. De manhã, eu tenho um aluno que mora só com o pai e ele trabalha o dia inteiro. De manhã não tem café, tem dia que esquece de mandar o filho para a escola, e então, ele que precisa acordar sozinho, se arrumar e ir até a escola. Tem que aprender a ser independente antes da hora. Eu acho que a criança não vem só unicamente para comer, ela tem um pouco de vontade ou outros interesses, porque só para comer ela pede dinheiro nos sinaleiro, compra bobagens na rua e acaba se alimentando. Na escola, elas buscam um pouco de carinho, atenção, os amigos.

A – Você já enfrentou algum problema na alfabetização que marcou para você?

PROF2 – Eu tive um aluno o ano passado, que ele era perfeito, lindo. Ele tinha uma série de laudos que diziam que era hiperativo, porque não parava na carteira e nem na sala. Era de repente, tinha nove anos e no meio do ano ainda não estava alfabético e saiu da escola. Eu tinha pena, pois o pai e a mãe eram usuários de drogas.

A – Como alfabetizadora o que você acha mais difícil para alfabetizar?

PROF2 – De prender a atenção das crianças. A aula tem que ser muito interessante para eles prestarem atenção em você. Os que olham são os que sabem um pouquinho, juntam letras e sílabas, e tem os que só brincam e bagunçam. Esses estão em outra.

A – O que mais te encanta na alfabetização?

PROF2 – Eu acho interessante quando eles pegam rapidinho, quando descobre a leitura. É o máximo.

Escola Municipal – Professora 3

A – Professora, quantos anos você tem de magistério?

PROF3 – Tenho 25 anos de sala de aula. Fiz o curso de pedagogia.

A – Qual é a metodologia que você utiliza em sala de aula?

PROF3 – Eu acho que uma metodologia específica não tem, porque nós tentávamos antes o construtivismo, mas hoje não fica assim, fica misturado porque como disse uma supervisora uma vez para mim, é um método eclético. Não se sabe bem, trabalho primeiramente as letras do nome e a partir do nome vai acontecendo.

A – Professora, quando você vai ensinar uma letrinha, como você faz?

PROF3 – Eu trabalho a partir do texto, tiramos os nomes dos personagens com a letra que está sendo trabalhada. Eu acho que todas as letrinhas que forem ensinadas precisam ter uma historinha, uma referência para a criança.

A – E as crianças aprendem desta maneira?

PROF3 – Sim, bastante.

A – Que tipo de recursos você utiliza em sala de aula?

PROF3 – Eu trabalho muito com embalagem, sucata em geral. Também com recortes de letrinhas de recortes de revistas e jornais, isto ajuda a facilitar o reconhecimento das letras em geral. Eu gosto também de pedir para que as crianças pintem no texto as letrinhas que eu peço ou, ainda palavras que eu quero chamar a atenção. É bom este tipo de atividade porque eles vão aprendendo o que é um texto, mesmo que ainda não saibam ler.

A – Você conhece o projeto político pedagógico da escola?

PROF3 – Desta escola eu já vi e ajudamos a fazer. Eu acho que ele é bom.

A – Professora, você faz alguma atividade extraclasse?

PROF3 – Sim, muitas vezes eu levo as crianças para o pátio para trabalhar num lugar diferente.

A – Você faz isso com frequência?

PROF3 – Fora da escola os passeios são programados. Agora para fazer a aula no pátio eu faço quando dá.

A – Como são feitas as avaliações?

PROF3 – As avaliações são diárias, porque não tem aquele negócio de provas, avaliação é sempre todos os dias a gente vai avaliando um pouco de tudo que a criança faz.

A – Como você percebe que os alunos estão alfabetizados ou não?

PROF3 – Ah! Eles logo começam a mostrar que estão aprendendo o som das letrinhas, com que som e letra que começa uma palavra. Criança é sempre muito esperta, eles vão demonstrando.

A – Professora, você acha que existe uma parceria entre família e escola?

PROF3 – Eu acho muito importante, mas aqui existe pouquíssima e faz muita falta. Na verdade, eu acho que deveria existir primeiro uma escola de pais, depois a de alunos.

A – Qual foi o maior problema que você já enfrentou como alfabetizadora?

PROF3 - Teve o caso de um menino de 13 anos que veio do Piauí. Este menino quando pegou uma folha em branco ele só escrevia a letra A na folha inteirinha e tudo que eu falava ele escrevia A. Eu não sei o que ele pensava. Demorou muito para ele ouvir e entender o que eu falava. Percebendo isto resolvi manda-lo para o reforço comigo mesmo. Como ele sempre morou no sítio, percebia que ele na sala de aula não aprendia, pois ficava deslumbrado com tudo o que via de diferente da sua realidade; por isso ficava sempre tão perdido.

A – Professora, atualmente você só dá aula de reforço, não é? Qual é a maior dificuldade que você encontra?

PROF3 – Sim. No reforço eu não vejo muita dificuldade, pois são poucas crianças, o ensino é mais individualizado e eles pegam com mais facilidade. É claro, que sempre tem as exceções; crianças que às vezes tem problemas sérios em casa.

A – Em todos esses anos que você alfabetiza, o que você acha mais difícil?

PROF3 – O mais difícil é quando encontramos crianças com problemas familiares e não podemos contar com a ajuda da família.

A – Professora, o mais te encanta na alfabetização?

PROF3 – É quando eles lêem, eles começam a falar com que letra começa cada palavrinha, enfim a fase da descoberta que cada aluno tem. É tudo de bom.

Escola Municipal – Professora 4

A – Professora, quantos anos você tem de formação?

PROF4 – Tenho dois anos. Fiz o curso de pedagogia na UEL.

A – Qual metodologia você utiliza para alfabetizar?

PROF4 – Olha hoje está mais para o construtivismo, sabemos que não é um método e sim uma teoria. Levo em consideração as fases que a criança passa, mas vejo também que hoje está tendo mais produção o próprio aluno perceber o som de cada letra, por isso gosto do método fônico. Sinto que as crianças estão evoluindo muito mais. Não é querer retroceder, pegar o método da abelhinha, mas evitar com que as crianças façam troca de f/v e outras como acontece na 4ª série que eu tenho de manhã. O construtivismo foi mal interpretado e nós professores ficamos totalmente perdidos. Na minha opinião, o aluno é um ser ativo que constrói hipóteses e não aquele que apenas memoriza.

A – Que recursos você utiliza para alfabetizar?

PROF4 – Geralmente a partir de histórias ou palavra-chave. Por exemplo, no momento estamos trabalhando a letra s e trabalhamos sapato, sapeca e sempre trabalhando mais com palavras mais concretas, Por exemplo, sapeca não é uma palavra concreta. Hoje mesmo nós trabalhamos uma literatura: “pé com salto, pé sem salto” que há duas semanas já estamos trabalhando. Eles começam a perceber o som da letra s, então ele começa a perceber a mesma letra no nome dos amigos, no nome da professora.

A – Que tipo de recursos você utiliza em sala de aula?

PROF4 – Eu utilizo massa de modelar, muito sulfite, cartolina, em geral os que têm menos gasto. Nem tanto esse negócio de recortar letrinha, porque fica mais difícil para eles.

A – Professora, você conhece o projeto político pedagógico da escola?

PROF4 – Olha, eu já li várias vezes, até por conta de trabalho que agente desenvolve. Mas, no entanto eu acho que o projeto é uma utopia. A nossa formação não nos possibilita um entrosamento tão bom para pensar melhor nesse projeto. Em um grupo de professores cada um pensa de um jeito. Então, ter uma unidade nessa diversidade é muito difícil, está sendo muito difícil. O ano passado nós estávamos com uma proposta interessante de trabalhar com projetos, porque eu acho que quanto mais o aluno participa mais ele é sujeito de sua aprendizagem. No entanto o projeto político poderia assessorar nessa prática, mas por n fatores, entre eles a greve desgastante que tivemos, complicou o relacionamento interpessoal entre os professores e o próprio desgaste pessoal.

A – Você faz alguma atividade extraclasse com os seus alunos?

PROF4 – Este ano, não conseguimos nenhuma por falta de recursos mesmo. É muito difícil coincidir o que você está trabalhando com algum passeio. A comunidade não tem condições de pagar os passeios e o ônibus. Só fazemos quando conseguimos gratuitamente.

A – Como você avalia seus alunos?

PROF4 – Essa minha turma do pré, nós preenchemos uma ficha com observações diárias relatando algumas atividades, porque não temos tempo de fazer como se fosse um diário de campo. Temos que confeccionar material, fazer um monte de coisas e a avaliação acaba ficando secundária. Eu acho que o professor está preocupado em aliar a teoria à prática ele avalia constantemente. O que mais me irrita na classe de professores é quando dizem que teoria é uma coisa e prática é outra.

A – Qual é a maior dificuldade que você encontra como alfabetizadora?

PROF4 – Eu acho que é quando eles passam pelas fases, cada fase é uma fase e é sempre um “ó” todo o processo. A criança de hoje é muito ativa, indisciplinada, porque a permissividade faz com que as pessoas não sabem os valores que regem a própria vida.

A – Você acha que esta falta de valores prejudica a formação da criança?

PROF4 – Sim, pois a criança não sabe diferenciar o que é infringir uma regra e o que realmente tem que valorizar dentro da sociedade. Por exemplo, a escola coloca umas regras imbecis como não poder usar boné em sala.

A – Você acha que existe uma parceria entre família e escola?

PROF4 – Sabe, eu penso que hoje nós estamos sendo vítimas da violência, da pobreza e estamos sendo afetados constantemente. Isso é um problema muito maior do que a gente como professora podemos resolver. Os pais não têm formação, então não dá para esperar muita coisa. Como vamos falar de higiene, se muitas vezes eles moram em barracos com situação precária.

A – Professora, você tem muito aluno que vem para a escola só para comer?

PROF4 – Tem muito aluno assim.

Você acha que essa criança consegue aprender?

PROF4 – Não aprende como os outros, pois a motivação desta criança está somente em se alimentar.

A – Qual foi o maior problema que você já enfrentou como alfabetizadora?

PROF4 – Olha, na sala sempre tem um ou outro, e você pensa que não vai conseguir. Depois esta criança acaba te surpreendendo, a transformação depende dele mesmo. É difícil enfrentar situações de crianças que a roupa acabou, que o pai está alcoolizado e não deixa o filho ir para a escola. E aí como você vai ensinar essa criança? É um pena que a Universidade hoje está pensando somente na formação de professores para trabalhar com os loirinhos de olhos azuis e os “remelentos” como dizem alguns deles ficam em segundo plano. Isto precisa ser repensado!

A – Professora, o que mais te encanta na alfabetização?

PROF4 – É a evolução de cada criança, a criação de hipóteses, o próprio aluno perceber que tem potencial de aprendizagem. É lindo quando independente das fases, a criança tenta construir mecanismos para ela mesma entender a escrita.

Anexo B – Transcrição da Entrevista com a Professora da Escola Particular

Escola Particular – Professora 5

A – Professora, quantos anos você tem de formação?

PROF5 – Do magistério 10 anos e da faculdade 6 anos.

A – Qual seu curso superior?

PROF5 – Eu fiz o curso de letras.

A – Qual a metodologia que você utiliza em sala de aula?

PROF5 – Eu utilizo a tradicional mesclando com a construtivista, fazendo um paralelo entre as duas.

A – Como você faz a ligação entre metodologia e conteúdo?

PROF5 – Primeiro, eu tento organizar os conteúdos de maneira interdisciplinar, usando vários recursos em sala de aula que ajudem no conteúdo.

A – A escola fornece os recursos que você precisa?

PROF5 – A maioria deles eu tenho aqui, tudo que eu preciso eu tenho. Às vezes eu faço algum material em casa, mesmo.

A – Professora, você faz alguma atividade extraclasse?

PROF5 – Com a 1ª série é mais difícil a gente estar saindo, mas fazemos de vez em quando uma volta no quarteirão ou vamos ao bosque para estudar história e geografia, vamos ao supermercado para ensinar moedas.

A – Você tem conhecimento do projeto político pedagógico?

PROF5 – Para ser bem sincera eu li uma vez, mas se você me perguntar hoje.

A – Como são feitas as avaliações?

PROF5 – No 1º semestre é só alfabetização. A partir do 2º semestre é quando tem a avaliação mesmo. Tem a prova que vale 100 e folhinhas de atividades que vale 100 também. Além disso, tem a ficha que a gente coloca os conteúdos que a criança está com mais dificuldade.

A – Como você percebe que as suas crianças estão aprendendo?

PROF5 – Eu posso dizer que elas estão alfabetizadas mesmo no final do 1º semestre. Elas estão lendo e escrevendo, colocando este tipo de alfabetização. Agora que eu vejo que elas aprenderam mesmo, é no comecinho do 2º semestre, logo que elas voltam de férias.

A – Existe um elo entre família e escola?

PROF5 – Muito grande, o que estou sentindo é que é muito essencial, principalmente com algumas alunas que estão tendo mais dificuldade.

A – Como alfabetizadora, você teve alguma dificuldade que te marcou?

PROF5 – Dificuldade nestes 10 anos... O que me marcou muito, 4 anos atrás, é que tive gêmeas na minha sala. Elas tinham um problema muito sério em casa com a mãe, a mãe teve um problema sério. A vontade das meninas aprenderem era muito grande, mas elas não conseguiam e eu tive que reprová-las naquele ano. E no ano seguinte elas foram minhas alunas novamente. E como já tinha ajudado muito elas a resolver o problema em casa, no ano seguinte elas voltaram totalmente diferente. E até hoje eu encontrei elas estes dias atrás, elas falam que eu marquei muito a vida delas. Esta é a experiência que me marcou bastante.

A – A escola oferece reforço?

PROF5 – Oferece, oferece reforço a cada 15 dias, quarta-feira de manhã, das 8 às 10. No caso da primeira série, às vezes precisa toda a semana.

A – Professora, o que mais te encanta na alfabetização?

PROF5 – (emocionada) O que mais me encanta é você chegar no final do ano e ver todas as suas alunas lendo e escrevendo, principalmente aquelas que apresentam mais dificuldades e que não sabiam pegar em um lápis, você chega no final do ano, lendo um texto, interpretando, fazendo continhas que tinham dificuldade. O que mais me encanta é também o fato da gente ver o desenvolvimento da criança. É a série que mais você vê que a criança cresceu e aprendeu, e você consegue ver isto, nas outras séries é mais difícil.